

## Jonas

Edição 2023  
Dr. Thomas L. Constable

### Introdução

#### PANO DE FUNDO HISTÓRICO

Jonas é o quinto dos profetas menores em nossas Bíblias em português. Os profetas menores são chamados de “O Livro dos Doze” na Bíblia Hebraica. Jonas é único entre os Últimos Profetas (em hebraico: Isaías à Malaquias) no sentido de que quase todo o livro é uma narrativa, similar às histórias de Elias e Eliseu (1 Rs 17-19; 2 Rs 2.1-13.21). A seção excepcional deste livro, de fato, é o salmo de Jonas em 2.2-9 (cf. Hc 3).

“... a peculiaridade do Livro de Jonas não se dá pela presença da narrativa, mas pela aparente ausência de um discurso profético”.<sup>2</sup>

Assim como seus dois predecessores, Elias e Eliseu, Jonas também ministrou no e ao Reino do Norte de Israel, assim como na Fenícia e na Síria. Jonas é o único profeta, registrado no Antigo Testamento, enviado por Deus à uma nação pagã com uma mensagem de arrependimento.<sup>3</sup> O ministério posterior de Naum em Nínive consistiu em anunciar uma determinada queda, embora, se os Ninivitas se arrependessem novamente, Deus teria respondido.

Jonas foi o “missionário estrangeiro” de Israel, no sentido que ele foi com uma mensagem de Deus à um povo estrangeiro, enquanto seu colega Oséias foi o “missionário local” de Israel. No entanto, Jonas não teve a atitude condizente com a de um missionário, a mensagem missionária de esperança, ou o objetivo missionário de levar seus ouvintes à

---

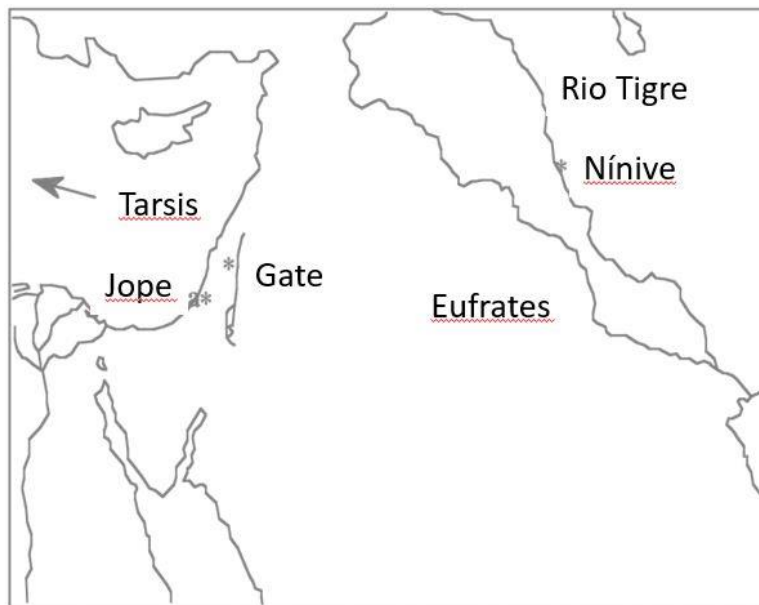
<sup>1</sup> Apesar de alguns dos livros citados nesta obra já terem sido traduzidos para o vernáculo, este projeto de tradução optou por traduções independentes das citações à guisa de uniformização. Os textos das referências bíblicas foram extraídos da Nova Versão Transformadora (Editora Mundo Cristão, 2017), salvo indicação específica.

<sup>2</sup> George Adam Smith, *The Book of the Twelve Prophets Commonly Called the Minor*, 2:493.

<sup>3</sup> Para uma comparação com Jeremias, que também pregou arrependimento, veja Gary Yates, "The 'Weeping Prophet' and 'Pouting Prophet' in Dialogue: Intertextual Connections between Jeremiah and Jonah", *Journal of the Evangelical Theological Society* 59:2 (2016):223-239.

um relacionamento pessoal com Yahweh.<sup>4</sup> Os livros de Jonas e Oséias revelam características importantes a respeito de Deus: Oséias, o amor leal de Deus à Israel, e Jonas, Sua compaixão por todas as pessoas, especificamente os Gentios.

A cidade natal de Jonas era Gate-Héfer na Galiléia (2 Rs 14.25; cf. Js 19.13). Ela ficava ao norte de Nazaré, território da tribo de Zebulom. Jonas profetizou no Reino do Norte durante o reinado de Jeroboão II (793-753 a.C.; 2 Rs 14.23-25). 2 Reis 14.25 registra que Jonas profetizou que Jeroboão II restauraria Israel aos seus antigos limites, algo que o rei fez.



É muito provável que Deus tenha enviado Jonas a Nínive, que era naquele momento uma cidade muito importante do grande Império Assírio, durante os anos em que aquela nação estava relativamente fraca. Nínive ainda não era a capital da Assíria, nem a Assíria era a potência mundial que ameaçou Israel. Após a morte do rei Adadenirari III em 783 a.C., a nação não era forte até que Tiglate-Pileser III assumiu o trono em 745 a.C. Durante esse período de 37 anos, a Assíria teve dificuldade em resistir aos seus vizinhos do Norte – as tribos da montanha de Uratu, que se alinharam aos seus vizinhos, o povo de Manai e Madai. Esses invasores expandiram as fronteiras norte do sul da Assíria, para menos de 160 quilômetros de Nínive. Obviamente, esta condição vulnerável fez com que o rei e os moradores de Nínive fossem receptivos à mensagem profética de condenação iminente feita por Jonas.

---

<sup>4</sup> Keil John H. Walton, "Jonah", em *Daniel-Malachi*, vol. 8 do *The Expositor's Bible Commentary*, revised ed., pág. 458.

Donald Wiseman defendeu um momento mais específico dentro deste período para a visita de Jonas a Nínive, a saber, durante o reinado de Assurdã III (772-755 a.C.).<sup>5</sup>

Nínive se tornou uma das capitais da Assíria durante o reinado de Sargão II (721-705 a.C.), e se tornou a única capital da Assíria durante o reinado de seu filho, Senaqueribe (705-681 a.C.).<sup>6</sup> A cidade ficava na margem oriental do rio Tigre. Ela tinha paredes de 30 metros de altura e 15 metros de espessura, e a cidade principal continha 15 portões, e tinha mais de doze quilômetros de comprimento.<sup>7</sup> A população total era de provavelmente 600.000 – incluindo as pessoas que viviam nos subúrbios fora dos muros da cidade (cf. 4.11). Os residentes eram idólatras e adoravam Asur e Istar, as principais divindades masculinas e femininas, assim como quase todos os assírios.

A assíria era uma ameaça à segurança de Israel (cf. Os 11.5; Am 5.27). Essa era uma das razões pelas quais Jonas se recusou a ir para Nínive. Ele temia que o povo se arrependesse e que Deus se abstivesse de punir o inimigo de Israel (4.2).

### **DATA E AUTORIA**

Muitos estudiosos datam essa profecia no período pós-exílico durante o tempo de Esdras e Neemias, ou mais tarde.<sup>8</sup> Eles baseiam sua opinião nas características linguísticas do livro e nas descrições lendárias, especificamente: o tamanho, a população, a importância, o rei de Nínive, além dos costumes tardios e dos leitores.<sup>9</sup> Os estudiosos também apontam para as diferenças de estilo entre Jonas e Oséias, outro profeta do norte. Muitos estudiosos conservadores acreditam que esses argumentos não superam a evidência de uma data pré-exílica que muitas características do livro e os comentários judaicos tradicionais apresentam.

Se o livro registra eventos que de fato aconteceram, o registro deles deve ter vindo do próprio Jonas. Entretanto, em nenhum lugar do livro há qualquer afirmação de que Jonas foi o autor. O livro parece argumentar contra essa possibilidade por relatar a história na terceira pessoa ao invés de na primeira. Sendo assim, algum escritor não identificado parece ter editado o livro em sua forma final. No entanto, Jonas poderia estar se descrevendo na terceira pessoa. Daniel fez isso no Livro de Daniel, que é o que a maioria

---

<sup>5</sup> Donald J. Wiseman, "Jonah's Nineveh", *Tyndale Bulletin* 30 (1979):29-51.

<sup>6</sup> Keil Charles H. Dyer, in *The Old Testament Explorer*, pág. 772.

<sup>7</sup> Veja *International Standard Bible Encyclopaedia*, s.v. "Nineveh", por T. G. Pinches, 4:2147-2151; *Wycliffe Bible Encyclopedia*, s.v. "Nineveh", por Elmer B. Smick, 2:1208-1210; e *The New Bible Dictionary*, s.v. "Nineveh", por D. J. Wiseman, págs. 888-890.

<sup>8</sup> P. ex.: Smith, 2:496-498.

<sup>9</sup> Para refutação dessas objeções, veja T. Desmond Alexander, "Jonah", em *Obadiah, Jonah, Micah*, págs. 52-63.

dos conservadores acredita. Os compiladores do cânon do Antigo Testamento provavelmente colocaram este livro entre os Profetas Menores porque criam que Jonas o escreveu.<sup>10</sup> O título, contudo, honra o personagem principal da narrativa assim como seu autor tradicional.

Um estudioso conservador sugeriu que o que temos é uma versão da história que alguém da nação de Judá escreveu. Tal escritor fez isso supostamente para ensinar o povo de Judá lições que Deus ensinou anteriormente ao Seu profeta, aos ninivitas e aos residentes de Israel.<sup>11</sup> Tal mensagem teria sido apropriada quando o enfraquecido reino do Sul enfrentou a ameaça de outra grande potência do norte, isto é, a Babilônia. No entanto, os argumentos para o autor ser Jonas são muito convincentes.<sup>12</sup>

Douglas Stuart argumentou que o autor não era Jonas porque a história é tão consistentemente crítica de Jonas, mais do que qualquer outro livro da Bíblia critica seu autor.<sup>13</sup> Este argumento me parece fraco. Os autores inspirados da Escritura sempre foram claramente autocríticos (por exemplo: Moisés, Samuel, Davi etc.) comparados aos seus contemporâneos, que omitiam suas falhas tentando parecer o melhor possível.

Os acontecimentos registrados no livro provavelmente cobriram apenas alguns meses, ou anos no máximo. Jonas viveu durante o reinado de Jeroboão II sobre o Reino do Norte de Israel (793-753 a.C.; cf. 2 Rs 14.25). Provavelmente a data de composição em algum momento próximo a 780 a.C. não estaria longe de uma data exata.

“Da morte de Eliseu ao ministério profético de Amós devem ter se passado quase quarenta anos, durante os quais a única voz profética registrada é a de Jonas”.<sup>14</sup>

## **HISTORICIDADE**

Desde o surgimento de estudos críticos no século dezenove, muitos escritores e professores agora acreditam que os eventos registrados neste livro não foram históricos.<sup>15</sup> Eles interpretam este livro como uma alegoria ou como uma parábola.<sup>16</sup>

<sup>10</sup> Veja C. F. Keil, *The Twelve Minor Prophets*, 1:380.

<sup>11</sup> H. L. Ellison, "Jonah", em *Daniel-Minor Prophets*, vol. 7 de *The Expositor's Bible Commentary*, pág. 362.

<sup>12</sup> Veja especialmente Gleason L. Archer Jr., *A Survey of Old Testament Introduction*, págs. 308-309.

<sup>13</sup> Douglas K. Stuart, *Hosea-Jonah*, pág. 432.

<sup>14</sup> H. L. Ellison, *The Prophets of Israel*, pág. 55. Cf. Robert Jamieson, A. R. Fausset, e David Brown, *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*, pág. 805.

<sup>15</sup> Para discussão e refutação veja Archer, págs. 309-315; Stuart, págs. 440-442; and Alexander, págs. 69-77.

<sup>16</sup> P. ex.: Smith, 2:498-500, 507.

A interpretação alegórica enxerga o livro como “uma alegoria completa onde cada característica representa um elemento da experiência religiosa e histórica dos israelitas”.<sup>17</sup> Esta interpretação pode ter surgido pelo fato de que “Jonas” significa “pomba” e os judeus por muito tempo consideraram a pomba como um símbolo de sua nação (cf. Sl 74.19; Os 11.11). Indiscutivelmente, Jonas trouxe paz à violenta Nínive, tal como uma pomba simboliza paz. Os que adotam essa interpretação, enxergam que o livro está ensinando a missão de Israel e o fracasso em ser o agente “missionário” de Deus aos gentios. A fuga de Jonas para Társis representa o fracasso de Israel antes do Exílio, e o grande peixe simboliza a Babilônia. O peixe vomitando Jonas representa a segunda chance de Israel após a restauração de sua terra.

A interpretação parabólica também considera o livro como não histórico.<sup>18</sup> Entretanto, seus defensores a veem simplesmente como uma história moral projetada para ensinar a uma lição espiritual. Essencialmente, a lição é que o povo de Deus não deveria ser reservado e introvertido, mas sim evangelista e missionário em seu amor e interessado por aqueles estrangeiros que estão enfrentando o juízo de Deus. A diferença entre essas duas interpretações está na quantidade de detalhes que seus defensores apresentam. A interpretação parabólica geralmente defende uma posição primária na história, enquanto a interpretação alegórica também encontra significado em seus muitos detalhes. George Adam Smith, que defendia a visão parabólica, escreveu:

“O propósito da parábola, patente do início ao fim, é ilustrar a missão da profecia aos gentios, o cuidado de Deus por eles, e sua suscetibilidade à Sua palavra. Mais precisamente, é impor toda essa verdade a uma mente preconceituosa e triplamente relutante. De quem era essa mente relutante? Após o exílio, em Israel [quando Smith datou a composição do livro], haviam muitos sentimentos diferentes em relação ao futuro e ao grande obstáculo que o paganismo interpôs entre Israel e o futuro”.<sup>19</sup>

“Assim sendo, de acordo com esta teoria, o desaparecimento de Jonas no mar, o grande peixe e o vômito subsequente dele em terra seca simbolizam o Exílio de Israel e sua restauração à Palestina”.<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> R. K. Harrison, *Introduction to the Old Testament*, pág. 911.

<sup>18</sup> Veja a discussão em Tremper Longman III e Raymond B. Dillard, *An Introduction to the Old Testament*, págs. 444-445.

<sup>19</sup> Smith, 2:501. Divisão do parágrafo omitida.

<sup>20</sup> *Ibid.*, 2:503.

Muitos comentaristas que negam a historicidade do livro consideram seu tom literário como *paródia* ou *sátira*.<sup>21</sup>

Intérpretes judeus e cristãos criam que o Livro de Jonas era histórico até o surgimento de estudos críticos.<sup>22</sup> Jesus Cristo mencionou Jonas como uma pessoa histórica e sua experiência como tendo sido real (Mt 12.38-42; 16.4; Lc 11.29-32). Jonas é o único personagem com quem Jesus Cristo se comparou diretamente.<sup>23</sup> Jesus, porém, fez referência a outros profetas, como Elias, Eliseu, e Isaías – além de citar e fazer alusão a muitos outros.

“Se os três dias de confinamento de Jonas no ventre do peixe tive, de fato o sentido tipificado que Cristo atribuiu a ele... não pode ser um mito ou sonho, nem uma parábola, nem meramente um acontecimento visionário experimentado pelo profeta; mas deve ter tido uma realidade objetiva quanto aos fatos da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo”.<sup>24</sup>

J. Vernon McGee defendeu que Jonas morreu e Deus o ressuscitou, com base nas palavras de Jesus sobre ele (Mt 12.39-40).<sup>25</sup> A maioria dos expositores conservadores acredita que a predição de Jesus não exige essa interpretação.

É improvável que o autor tivesse nos dado o nome do pai de Jonas se ele não fosse uma pessoa real. Além disso, o narrador apresenta Jonas como uma pessoa real, e não como uma figura mística ou fictícia.<sup>26</sup>

O principal argumento contra o livro ser histórico é o fato de Jonas ter sobrevivido por três dias e três noites no ventre do peixe (1.17). No entanto, inúmeros escritores documentaram muitas libertações miraculosas semelhantes.<sup>27</sup> Uma vez que tal

---

<sup>21</sup> Para discussão acerca desta questão, veja Leslie C. Allen, *The Books of Joel, Obadiah, Jonah and Micah*, págs. 177-181; Alexander, págs. 69-77; Walton, págs. 458-463.

<sup>22</sup> Veja Josefo, *Antiguidades dos Judeus*, 9:10:2.

<sup>23</sup> Para várias comparações e contrastes veja Frank E. Gaebelain, *Four Minor Prophets: Obadiah, Jonah, Habakkuk, and Haggai*, págs. 122-124.

<sup>24</sup> Keil, 1:388.

<sup>25</sup> J. Vernon McGee, *Jonah: Dead or Alive?*, págs. 21-27; e também, *Thru the Bible with J. Vernon McGee*, 3:749-753.

<sup>26</sup> Para mais argumentos nesta direção, veja Frank S. Page, "Jonah", em *Amos, Obadiah, Jonah*, págs. 217- 219.

<sup>27</sup> Veja Harrison, págs. 907-908; A. J. Wilson, "Sign of the Prophet Jonah and Its Modern Confirmations", *Princeton Theological Review* 25 (October 1927):630-642; George F. Howe, "Jonah and the Great Fish", *Biblical Research Monthly*, Janeiro 1973, págs. 6-8; McGee, *Thru the ...*, 3:751-52; e também, *Jonah: Dead ...*, págs. 18-20.

sobrevivência é fisicamente possível, não devemos descartar a visão histórica, especialmente porque Jesus endossou a “ressurreição” de Jonas.<sup>28</sup>

Alguns intérpretes, como eu, que sustentam a historicidade dos eventos – também creem que o livro contém ensinamentos simbólicos e típicos.

“Enquanto outros profetas proclamaram em palavras a posição dos gentios em relação à Israel num futuro próximo e mais remoto, e predisseram não apenas a rendição de Israel ao poder dos gentios, mas também a futura conversão dos pagãos ao Deus vivo, e sua recepção ao reino de Deus, ao profeta Jonas foi confiada a comissão de proclamar a posição de Israel em relação ao mundo gentílico de uma maneira simbólica, e exibir tanto figurativa e tipicamente não apenas a susceptibilidade dos pagãos à graça divina, mas também a conduta de Israel em relação ao projeto de Deus de demonstrar favor aos gentios, e as consequências de sua conduta”.<sup>29</sup>

“O caráter de Jonas e o lidar de Deus com ele prefiguram a história subsequente da nação de Israel: fora da terra, um problema para os gentios, ainda que testemunhando a eles; expulso, mas milagrosamente preservados; na mais profunda angústia futura, invocando o SENHOR como Salvador encontrando libertação e assim se tornando missionários aos gentios (Zc 8.7-23). Mas principalmente Jonas tipifica Cristo como o Enviado, ressurreto dentre os mortos e levando a salvação aos gentios”.<sup>30</sup>

Que diferença faz se Jonas não fosse histórico, mas fictício? O principal efeito é que, se Jonas não era uma pessoa real, a força do apelo de Jesus em relação a sua experiência teria sido consideravelmente enfraquecida. Se Jonas não tivesse passado três dias e três noites no ventre do peixe, será que a morte de Jesus precisaria ser literal? É possível que Jesus estivesse apenas falando de uma experiência espiritual ou lendária semelhante à morte. Jesus baseou Seu sinal do profeta Jonas na historicidade de Jonas e sua experiência dentro do peixe, que os contemporâneos de Jesus receberam de maneira literal.

“... se o livro é realmente uma narrativa de fatos reais, isso nos traz uma das mais fantásticas revelações de Deus, e uma das mais maravilhosas

---

<sup>28</sup> Veja Robert B. Chisholm Jr., *Interpreting the Minor Prophets*, págs. 120-121, para refutação adicional de visões não-históricas.

<sup>29</sup> Keil, pág. 1:384.

<sup>30</sup> *The New Scofield Reference Bible*, pág. 941.

mensagens do Divino conforto já dada; ao passo que se ele é uma simples ficção, não contém nenhum significado autêntico. E mais, a questão se é um fato histórico ou não envolve tanto a integridade das Escrituras como um todo, como também a palavra do próprio Senhor Jesus..”<sup>31</sup>

### **GÊNERO**

O livro é provavelmente uma narrativa histórica profética didática sensacionalista em seu gênero literário.<sup>32</sup>

### **PROPÓSITO**

O livro é uma revelação ao povo de Deus a respeito de seu poder soberano e seu interesse amoroso em relação a todas as Suas criaturas, até mesmo para com o gado (4.11). Esta revelação veio primeiro a Jonas de maneira pessoal, e em seguida, através dele aos judeus. Ela não foi primariamente uma revelação aos ninivitas. Sua responsabilidade como nação era apenas de se arrepender e se humilhar. Essa revelação deveria ter conduzido os israelitas a responder como os assírios, ou seja: em arrependimento e humildade. Eles enfrentaram ameaças semelhantes: primeiro dos assírios e em seguida dos babilônios. A falta de interesse de Jonas pelos ninivitas é contrastada com o interesse de Deus por eles, que deveria ser o parâmetro para o Seu povo.

“O principal propósito do livro é ensinar aos israelitas que Deus ama outras nações além de Israel; ou, de fato, nos ensinar que Ele ama outras nações além da nossa. A serviço deste propósito, Jonas corresponde à maioria dos israelitas – ou à maioria de nós – pois representa a atitude típica que as pessoas tendem a ter diante de nações que estas pessoas não tem motivos para amar”.<sup>33</sup>

“Jonas espera o tempo todo que, de alguma forma, Deus não Se mostre consistente com Seu próprio e bem conhecido caráter (4.2). Mas Deus é consistente a todo momento, em contraste com a inconsistência hipócrita de Jonas. O que acontece a Nínive e a Jonas acontece precisamente por causa de quem Deus é. Consequentemente, os leitores originais do livro são convidados implicitamente a reavaliar sua compreensão a respeito de

---

<sup>31</sup> J. Sidlow Baxter, *Explore the Book*, 4:147.

<sup>32</sup> Stuart, págs. 435-438; Alexander, págs. 69-77. Para discussão acerca de gênero, veja Ernst R. Wendland, "Text Analysis and the Genre of Jonah (Part 1)", *Journal of the Evangelical Theological Society* 39:2 (Junho 1996):191-206.

<sup>33</sup> Stuart, pág. 479. Cf. Dyer, pág. 773.



como Deus é, se de fato compartilham dos pontos de vista egoístas de Jonas”.<sup>34</sup>

“... a preservação de Nínive serviu de exemplo porque, embora condenação tivesse sido pronunciada, arrependimento foi capaz de produzir misericórdia e juízo pôde ser adiado [para Israel]. Aspectos dessa mensagem incluem o conceito de que pequenos passos na direção certa motivam (embora não resultem em merecimento) a compaixão de Deus. Afinal de contas, um passo menor do que o dado pelos ninivitas dificilmente poderia ser imaginado, mas a resposta de Deus foi assombrosamente misericordiosa”.<sup>35</sup>

“O propósito [do livro] é ilustrar a graça de Deus aos pagãos à luz da recusa de Seu povo em cumprir Sua missão para com eles”.<sup>36</sup>

“A graça de Deus foi estendida aos mais hostis e agressivos vizinhos gentios de Israel – os assírios. Surpreendentemente, eles foram ainda mais receptivos ao mensageiro de Deus do que Israel, para desgosto de Jonas”.<sup>37</sup>

“A preocupação de determinado número de narrativas proféticas do Antigo Testamento é de traçar o processo pelo qual o oráculo divino foi cumprido. Esse livro, pelo contrário, quebra o padrão surpreendentemente mostrando como e por que um oráculo divino, a respeito da destruição de Nínive, não se cumpriu”.<sup>38</sup>

## **TEOLOGIA**

“O autor do livro de Jonas atinge o ponto mais alto da teologia do Antigo Testamento. Fruto de um imenso coração, em amor pela humanidade, e em apreciação ao caráter de Deus, esse pequeno livro se destaca como o mais nobre, o mais amplo e o mais cristão de toda a literatura do Antigo Testamento”.<sup>39</sup>

---

<sup>34</sup> Stuart, pág. 434.

<sup>35</sup> Walton, pág. 457.

<sup>36</sup> Smith, 2:514.

<sup>37</sup> Walter C. Kaiser Jr., *Toward an Old Testament Theology*, pág. 200.

<sup>38</sup> Leslie C. Allen, *The Books of Joel, Obadiah, Jonah and Micah*, pág. 175.

<sup>39</sup> George L. Robinson, *The Twelve Minor Prophets*, pág. 89.

“O tema predominante do livro é a graça soberana de Deus para com pecadores, ilustrada em Sua decisão de reter Seu juízo dos culpados, mas arrependidos ninivitas”.<sup>40</sup>

“O livro de Jonas é um dos livros mais relevantes da atualidade”.<sup>41</sup>

### **CANONICIDADE**

A referência extra bíblica mais antiga sobre esse livro está em Eclesiástico 49.10. Nele, Ben Sirá, que viveu no máximo até 190 a.C., referiu-se aos “doze profetas”, a saber, os autores dos livros conhecidos como profetas menores, que inclui o livro de Jonas. Os rabinos judeus nunca questionaram a canonicidade deste livro.

### **ESBOÇO**

- I. A desobediência do profeta – caps. 1-2
  - A. A tentativa de Jonas de fugir de Deus 1.1-3
  - B. A falta de compaixão de Jonas 1.4-6
  - C. A falha de Jonas em temer seu Deus soberano 1.7-10
  - D. A compaixão dos marinheiros e o temor a Deus 1.11-16
  - E. A libertação de Deus a Jonas 1.17—2.1
  - F. O Salmo de gratidão de Jonas 2.2-9
  - G. A libertação de Jonas do peixe 2.10
  
- II. A obediência do profeta – caps. 3-4
  - A. A proclamação de Jonas aos ninivitas 3.1-4
  - B. O arrependimento dos ninivitas 3.5-10
  - C. O desprazer de Jonas para com a misericórdia de Deus 4.1-4
  - D. A repreensão de Deus a Jonas por sua atitude 4.5-9
  - E. A compaixão de Deus por aqueles sob Seu juízo 4.10-11

O esboço a seguir aponta alguns dos paralelos da história de maneira interessante.<sup>42</sup>

<sup>40</sup> Robert B. Chisholm Jr., “A Theology of the Minor Prophets”, em *A Biblical Theology of the Old Testament*, pág. 432. Veja também Alexander, págs. 81-91.

<sup>41</sup> R. T. Kendall, *Jonah: An Exposition*, pág. 11.

<sup>42</sup> Allen, pág. 200. Os números dos versículos entre colchetes são os do texto hebraico. Para um esboço semelhante, veja também Robert B. Chisholm Jr., *Handbook of the Prophets*, págs. 408-409.

- I. Um pecador hebreu salvo (1.1—2.10 [11])
  - A. A desobediência de Jonas (1.1-3)
  - B. A punição de Jonas; homenagem pagã (1.4-16)
  - C. O resgate de Jonas (1.17—2.10 [2.1-11])
    - 1. A graça de Deus (1.17 [2.1])
    - 2. O louvor de Jonas (2.1-9 [2-10])
    - 3. A última palavra de Deus (2.10 [11])
  
- II. Pagãos pecadores salvos (3.1-4.11)
  - A. A obediência de Jonas (3.1-4)
  - B. O arrependimento de Nínive (3.5-9)
  - C. A repreensão de Jonas (3.10— 4.11)
    - 1. A graça de Deus (3.10)
    - 2. A planta de Jonas (4.1-3)
    - 3. A última palavra de Deus (4.4-11)

### **MENSAGEM**

O livro de Jonas não contém tanto o registro da mensagem de um profeta quanto o registro da experiência de um profeta. Essa característica distingue Jonas dos outros livros proféticos. O que precisamos examinar são as experiências do profeta para aprender a mensagem deste livro. Isso também se aplica aos livros dos Antigos Profetas: Josué, Juízes, Samuel e Reis. Eles também ensinam registrando experiências selecionadas, mais do que pronunciamentos proféticos (pronunciamentos divinos).

Existem muitas características incidentais nesta história, como o navio, a tempestade, o peixe, a planta, o verme, o vento quente e até mesmo Nínive. Eles formam parte importante da revelação, mas não nos transmitem a mensagem do livro. São os personagens principais da história que fazem isso. Os personagens principais são Deus e Jonas.

Do ponto de vista da revelação do livro, o lidar de Deus com Jonas é ainda mais importante do que o lidar com os ninivitas. Esses acordos revelam a atitude e ações em

relação às nações e em relação ao Seu povo – por amor as nações. Temos aqui a revelação de Yahweh e uma revelação da responsabilidade dos representantes de Yahweh.

Uma das características que marcava os Israelitas era sua exclusividade. Durante o reinado de Jeroboão II, quando Jonas ministrava, Israel se expandia geograficamente e formava alianças com nações vizinhas. Ao mesmo tempo, ela era mais religiosamente exclusiva do que antes. Os Israelitas criam que seu relacionamento privilegiado com Deus precisava ser preservado para que os gentios não tirassem isso deles, como fizeram com tantas outras coisas.

Mas os israelitas também projetaram sua atitude hostil para com os gentios em Yahweh. Eles também O consideravam hostil aos seus inimigos. Jonas incorporou esta atitude. Deus deu a Seu povo este livro para ensina-los que Sua atitude para com aqueles fora das alianças e promessas era bem diferente, e a atitude deles também deveria ser.

A principal revelação de Yahweh neste livro deriva do Seu lidar com Nínive e de Seu lidar com Jonas. Observe primeiramente o que este livro revela sobre o SENHOR (Yahweh) a partir do Seu lidar com Nínive.

Ao invés de ter uma atitude superior, exclusiva em relação aos Ninivitas, a atitude de Deus foi de compaixão. Podemos observar isso no começo do livro quando Deus ordena Jonas que vá a Nínive. Vemos isso novamente na persistência paciente de Deus à medida que Ele leva Seu príncipe profeta ao arrependimento. Vemos isso novamente quando Ele envia Jonas uma segunda vez. A revelação mais clara da atitude de Deus para com Nínive, contudo, vem dos últimos dois versículos do livro (4.10-11).

Jonas foi provavelmente o primeiro dos profetas autores do século oito (aprox. 780 a.C.). Outros profetas do século oito que ministraram ao Reino do Norte de Israel, junto com Jonas, foram Oséias (760 a.C.) que enfatizou o *amor* de Deus, e Amós (740 a.C.) que enfatizou a *justiça* de Deus. Isaias (740 a.C.) enfatizou a *santidade* de Deus, e Miquéias (735 a.C.) a *liderança* de Deus aos moradores do Reino do Sul de Judá. Jonas revela a *compaixão* de Deus primariamente. É uma revelação importante para o equilíbrio entre essas outras mensagens proféticas.

O verbo hebraico *hus*, traduzido por “teve” ou “teve compaixão” em 4.10 e 11, significa “poupar provendo abrigo”. A ideia é cobrir e assim proteger do perigo. Jesus disse, “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos

debaixo das asas, e vós não o quisestes!” (Mt 23.37). Jesus expressou a mesma atitude para com Jerusalém que Deus expressou para com Nínive. Nas palavras de Jesus, vemos a atitude de Deus para com as cidades pecadoras: grandes grupos de pessoas. Esta é a atitude que tem impulsionado evangelistas e missionários no decorrer da história. É a atitude de compaixão de Deus.

Todas as ações de Deus neste livro procederam desta atitude básica. Podemos concluir que Deus enviou Jonas a pregar contra Nínive unicamente porque Ele estava irado contra ela, por causa do pecado dela. Certamente estava sobre Seu juízo por causa dos pecados, mas o último versículo revela o motivo latente de Deus: Sua compaixão.

Sob esse prisma, a declaração problemática de que Deus cedeu, em 3.10, torna-se menos problemática. A palavra hebraica usada aqui, *nacham*, carrega a conotação de ser aliviado e confortado. Devemos ouvir Deus suspirando de alívio quando lemos esse versículo. Quando Nínive se arrependeu, Deus viu que juízo não seria necessário, e isso O fez muito feliz. Quando pessoas abandonam seus pecados, Deus deixa de julgá-las.

Voltando ao que este livro revela sobre o lidar de Deus com Jonas, observamos duas coisas:

Primeira, Deus precisa de mensageiros. Em certo sentido, Deus não precisa de nada e nem de ninguém porque Ele é autossuficiente. Mas, em outro sentido, Ele escolheu enviar Suas mensagens por meio de pessoas. A expressão dessa verdade no Novo Testamento é: “Como ouvirão, se não há quem pregue?” (Rm 10.14). Deus escolheu usar mensageiros humanos para levar a maior parte de Suas mensagens a outros seres humanos, embora o próprio Deus tenha falado diretamente a algumas pessoas no passado.

A segunda coisa que observamos ao examinarmos o lidar de Deus com Jonas, é que, porque Deus precisa de mensageiros, Ele é persistente e paciente com os mensageiros que Ele escolhe. Vemos isso no fato de que Deus não abandonou Jonas quando ele embarcou no navio para ir a Tárzis. Vemos isso em Deus ao preparar o peixe para preservá-lo e transportá-lo de volta para terra firme. Vemos isso em Deus recomissionando Jonas. Vemos isso quando Ele providenciou uma planta para abrigar o profeta. Vemos isso no ensino paciente de Deus quando Jonas estava fervendo de calor e raiva. Vemos isso nas tentativas de Deus de levar Jonas a simpatizar com Seu propósito misericordioso. Em todas essas instâncias, vemos Deus amorosamente persuadindo o profeta a compartilhar Sua comunhão compartilhando Sua atitude.

E quanto à revelação da responsabilidade dos representantes de Deus neste livro? De maneira positiva, essa responsabilidade diz respeito a representar Deus. Jonas não se rebelou contra Deus e ficou com raiva de Deus porque ele falhou em apreciar Deus. Ele conhecia muito bem a Deus, como fica claro em 4.2: "... sabia que és Deus clemente e misericordioso". Deus envia pessoas que O conhecem para representa-Lo. Jonas se rebelou e ficou com raiva porque odiava os ninivitas. Devemos ser capazes de estimar isto porque todos odiamos a violência e a crueldade nas pessoas quando elas dirigem sua ira contra pessoas que não a merecem.

Para representar a Deus, Seus servos devem ser obedientes. Suas ordens devem ter prioridade sobre seus desejos. Os propósitos de Deus precisam superar nossos preconceitos e preferências. Se isto não acontecer, o mensageiro experimenta um afastamento de Deus. No entanto, deve haver atitudes comuns, assim como ações obedientes, para que haja verdadeira comunhão. Jonas não foi um representante aceitável até que sua atitude espelhasse a atitude de Deus, embora ele tivesse concordado em fazer a vontade de Deus.

Jonas nos dá um exemplo negativo em sua atitude para com Nínive. Jesus nos dá uma atitude positiva em Sua atitude para com Jerusalém. Pense em todas as cidades numerosas do mundo, onde reinam a crueldade e a corrupção, e então se lembre de que Deus tem compaixão de seus habitantes. Temos mais preocupação com plantas do que com pessoas? Gosto de jardinagem, mas estou aprendendo a colocar pessoas antes das plantas – e outros objetos. Nunca teremos um coração missionário até que tenhamos uma comunhão íntima com o Deus de compaixão. Quando não apenas conhecemos sobre Ele, mas andamos com Ele, então compartilharemos Sua comunhão. Quando Jesus olhou para Jerusalém, Ele chorou por ela.

Este livro ensina a seus leitores como Deus Se sente a respeito de Seu povo, assim como a respeito das multidões que não O conhecem. Ele precisa que levemos Sua mensagem de compaixão aos perdidos. Deus sempre necessita de mensageiros para isso. Sua Palavra deve ser encarnada antes de se tornar impressionante. Foi isso que aconteceu no caso de Jesus, e é verdade em nosso caso. O envio de Bíblias para todo o mundo é bom, mas o método primário de Deus sempre foi o de enviar pregadores da Sua Palavra. Quando as pessoas recebem o testemunho de alguém cuja vida Deus persuadiu a confiar e o obedece-Lo, a mensagem de arrependimento se torna persuasiva.

Deus ainda precisa de nós, e Ele ainda nos envia (Mt 28.19-20). Todo cristão, homem, mulher, menino e menina podem se identificar com o chamado de Deus a Jonas para ir a

Nínive. Por que devemos erguer nossas vozes e clamar contra os ninivitas de nossos dias? Sua maldade subiu até diante do Senhor, e os está condenando. Deus os quer salvar. Juízo será sempre a “tarefa incomum” de Deus (Is 28.21). O que é comum a Deus é a compaixão, libertação e salvação. Portanto, devemos anunciar o juízo de Deus para que as pessoas tenham a oportunidade de se arrepender.

Note que quando Jonas foi desobediente a Deus, havia muito a seu respeito que era louvável. Isso é frequentemente verdadeiro acerca da nossa desobediência, e frequentemente nos encoraja em nossa desobediência. Jonas desceu à Jope e encontrou um navio à sua espera. Frequentemente quando desobedecemos a Deus percebemos que as circunstâncias nos parecem favoráveis a nós e cooperando conosco. Jonas, evidentemente, pagou sua própria tarifa. Se ele o fez, isso foi uma responsabilidade louvável.

Ainda assim, todas essas circunstâncias que Jonas poderia ter visto como indicativos de que ele estava fazendo a coisa certa, claramente não indicavam isso. Afinal, Jonas nunca chegou a Társis. Deus não permitiu que ele fosse tão longe. Deus lhe deu alguma liberdade, mas eventualmente Ele o deteve. Da mesma maneira, Deus não nos avisa, a cada curva, que somos desobedientes, mas Ele nos leva ao ponto onde eventualmente reconhecemos nossa desobediência (cf. 1.7). Ele não retirará Sua mão de nós.

A falha da igreja em evangelismo e missões não diz respeito primariamente à nossa falha em conhecer a Deus e a Sua compaixão. Nós o conhecemos. Nós até experimentamos a Sua compaixão em nossas próprias vidas. Nosso fracasso se deve, primariamente à nossa antipatia por aqueles debaixo do juízo de Deus: nossos ninivitas. Talvez precisemos admitir que, de fato não queremos o mundo salvo. A prova disto é que estamos muitos mais felizes desfrutando dos confortos espirituais de fazermos parte do povo escolhido de Deus do que alcançando os perdidos. Alguns cristãos odeiam os perdidos, como Jonas o fazia. Por que não alcançamos a “cidade” onde vivemos? Talvez porque não gostamos das pessoas que moram nela.

Como então resolver este problema? Este problema não será superado tentando amar aqueles que odiamos. Isso é humanamente impossível. O que devemos fazer é o que Jonas fez. Devemos começar simplesmente obedecendo a Deus, fazendo aquilo que Ele nos disse para fazermos, ou seja, irmos até eles com a mensagem de libertação. Em outras palavras, devemos amar nosso Senhor embora possamos não amar os perdidos. Quando obedecemos a Ele, como Jonas o fez, Deus começará a lidar com nossa atitude diante daqueles sob seu juízo (cf. Jo 21).

O livro de Jonas lida com o problema do exclusivismo: o pecado de concluir que uma vez que recebemos a compaixão de Deus, isso é apenas para nós. O que precisamos fazer é começar obedecendo a comissão que Deus nos deu. Quem sabe nossa obediência brotará de um amor por Ele, mas talvez brote do nosso aprendizado que desconsiderar essa comissão pode resultar em muita dor para nós. Em todo caso, precisamos obedecer. A partir disso Deus começará a nos ensinar o amor pelos não amáveis. Isto também pode ser um processo de aprendizado doloroso, mas Deus será muito carinhoso pra conosco à medida que Ele nos ensina, como Ele o fez com Jonas. Também desfrutaremos de verdadeira comunhão com o nosso Salvador, que chorou sobre Jerusalém, porque Ele compartilhará Seu coração de compaixão.

Então, a mensagem de Jonas é que Deus nos dará Seu coração de compaixão pelos perdidos à medida que executamos a comissão que Ele nos deu.



## Exposição

### **I. A DESOBEDIÊNCIA DO PROFETA – CAPS. 1-2**

A primeira metade desta profecia narra a tentativa de Jonas de fugir do SENHOR e Sua comissão, quando ele achou pessoalmente desagradável, e as consequências de sua rebelião.

#### **A. A TENTATIVA DE JONAS DE FUGIR DE DEUS 1.1-3**

A história se inicia com Deus comissionando Seu profeta e Jonas se rebelando contra a Sua vontade.

- 1.1 O livro, e o primeiro versículo, são começados com uma conjunção (Heb. *waw*). Muitas versões não traduzem essa palavra porque não faz uma diferença substancial na história. Sua presença na Bíblia Hebraica pode sugerir que este livro era parte de uma coleção maior de histórias. Cerca de 14 livros do Antigo Testamento começam com essa conjunção, e eles obviamente se conectam com os livros que imediatamente os precedem. Contudo, aquilo que Jonas pode ter continuado é incerto.

“Esses livros nos relembram da ‘história contínua’ de graça e misericórdia de Deus”.<sup>43</sup>

A expressão “Veio a palavra do SENHOR a” ocorre mais de 100 vezes no Antigo Testamento.<sup>44</sup> O autor não registrou como Jonas recebeu a seguinte mensagem do SENHOR. Isso é irrelevante aqui, embora frequentemente em outros livros proféticos o método de revelação que Deus usou é explicado. Semelhantemente, o momento desta revelação é um mistério e não essencial para a interpretação e aplicação desta história. A ação de Deus é a característica mais importante nesta profecia.

O nome de Jonas significa “pomba”.

“Associamos a pomba com paz e pureza; mas, esse significado positivo não é a única associação possível. Uma

---

<sup>43</sup> Warren W. Wiersbe, “Jonah”, em *The Bible Exposition Commentary/Prophets*, pág. 378.

<sup>44</sup> Alexander, pág. 97.

‘pomba’ poderia ser também um símbolo de tolice (ver Oséias 7.11), descrição que infelizmente se aplica a esse profeta tragicômico”.<sup>45</sup>

“Confira Gn 8.8-9, onde em vão a pomba busca descanso depois de voar de Noé e da arca: isso descreve Jonas”.<sup>46</sup>

Não temos qualquer informação acerca de Amitai (“Verdadeiro”), exceto que ele era o pai de Jonas. O registro do nome do pai de uma pessoa importante era comum na literatura judaica, e a presença do nome de Amitai no texto defende a realidade histórica de Jonas. Neste livro, Jonas é a única pessoa nomeada (além desta menção casual de seu pai) e além de Deus. O livro diz respeito a Jonas e a Deus.

Existem várias tradições judaicas não-bíblicas acerca da origem de Jonas.<sup>47</sup> Uma destas tradições afirma que ele era o filho da viúva a quem Elias ressuscitara (1 Rs 17.17-24). Outra defende que ele tinha alguma ligação com o templo de Jerusalém, embora ele fosse do Norte. Ainda outra creditou-lhe uma missão bem-sucedida a Jerusalém semelhante à de Nínive. Trata-se de tentativas aparentes de encaixar Jonas em outras históricas inspiradas e de glorificar o profeta.

1.2 Nínive era de fato uma “grande cidade”. Sua história remonta a Ninrode, que a construiu – assim como Babel, e muitas outras cidades da Mesopotâmia (Gn 10.8-12). Nínive ocupava cerca de 1800 hectares de terra e ficava na margem leste do rio Tigre, em frente à moderna cidade iraquiana Mossul.<sup>48</sup> A palavra “grande” é frequente neste livro (1.2, 4, 12, 16, 17; 3.2; 4.1, 6, 11). Talvez isso tivesse a intenção de impressionar o leitor com o fato de que este livro lida com grandes questões.

Jonas deveria “[anunciar] meu julgamento contra ela” ou “pregar contra ela” (NVI), no sentido de informar seus habitantes que Deus havia notado sua perversidade. Ele não deveria apontar seus pecados tanto quanto anunciar que o juízo era iminente.

---

<sup>45</sup> *The Nelson Study Bible*, pág. 1493.

<sup>46</sup> Jamieson, et al., pág. 806.

<sup>47</sup> Ellison, “Jonah”, pág. 368.

<sup>48</sup> Para uma descrição mais detalhada de sua grandeza, veja meus comentários em 3.3 e 4.11.

“A essência desse *clamar* é registrada posteriormente, mas Deus diz a Jonas neste momento qual mensagem ele deve *clamar* em voz alta. Mais adiante Jonas relata [4.2] como ele expôs [expressou forte desaprovação] agora com Deus, e que sua exposição estava fundamentada nisto, que Deus era tão misericordioso que Ele não cumpriria o julgamento que Ele mesmo ameaçou”.<sup>49</sup>

Aparentemente, Deus pretendia que a condição de Jonas como um forasteiro fizesse com que os ninivitas o considerassem como um mensageiro divino. O SENHOR não o enviou para ser meramente um crítico estrangeiro daquela cultura.

Douglas Stuart traduziu este versículo da seguinte forma: “Vá à cidade importante, Nínive, e fale a ela, pois o problema deles me preocupa”.<sup>50</sup> Esta tradução procura esclarecer o que Jonas entendeu que Deus estava ordenando que ele fizesse.

- 1.3 Társis era o nome do bisneto de Noé através de seu filho Jafé e do filho de Jafé (ou descendente) Javã (Gn 10.1-4). A partir de então, no Antigo Testamento, o nome descreve tanto os descendentes desse homem e o território onde se estabeleceram (cf. 1 Rs 10.22; 22.48; 1 Cr 7.10). O território estava evidentemente a uma longa distância de Israel e na costa atlântica do sudoeste da Espanha (cf. 4.2; Is 66.19).<sup>51</sup> Também continha depósitos minerais que seus moradores extraíam e exportavam para Tiro e provavelmente para outros lugares (Jr 10.9; Ez 27.12). Como a palavra hebraica *tarshishu* significa “local de fundição” ou “refinaria”, os judeus se referiram a vários desses lugares na costa do Mediterrâneo por esse nome.<sup>52</sup> Semelhantemente, muitas cidades ao longo da costa de nações de língua inglesa hoje carregam o nome de “cidade portuária”. Portanto, é provavelmente impossível determinar o local exato que Jonas se propôs a visitar.

<sup>49</sup> E. B. Pusey, *The Minor Prophets*, 1:396.

<sup>50</sup> Douglas K. Stuart, "'The Great City of Nineveh' (Jon. 1:2)", *Bibliotheca Sacra* 171:684 (Outubro-Dezembro 2014):387-400.

<sup>51</sup> Veja o mapa em Alexander, pág. 49.

<sup>52</sup> *The New Bible Dictionary*, s.v. "Tarshish", por J. A. Thompson, págs. 1239-1240.

A identificação de Tarsis com a Espanha é muito antiga, remontando a Heródoto, o historiador grego que se referiu a Tartesso, na Espanha.<sup>53</sup> Este local ficava aproximadamente 4000 quilômetros a oeste de Jope (curiosamente, e de forma imprecisa, Josefo acreditou que Jonas tentou fugir para Tarso na Cilícia).<sup>54</sup> Seja como for, Jonas tentou fugir de navio em Jope, o principal porto marítimo de Israel na costa do Mediterrâneo, e ir para algum destino remoto na direção contrária a Nínive.

“A maior exportação de Jope foi a compaixão de Deus”<sup>55</sup>

Na época de Jonas, a temporada de navegação no Mediterrâneo era do final de maio até meados de setembro, mas os mais ousados esticavam essa janela em até dois meses em cada extremidade.<sup>56</sup> Então, Jonas provavelmente fez sua viagem em algum momento entre o final de março e o meio de novembro.

Jope ficava cerca de 56 quilômetros a sudoeste de Samaria, a capital do reino do norte de Israel. Nínive ficava aproximadamente 880 quilômetros a nordeste de Samaria.

“Jonas, o crente, está insatisfeito com seu chamado. (Quem pensou que um missionário ficaria descontente – exceto um colega missionário!)”<sup>57</sup>

Por que Jonas deixou Israel? Evidentemente ele concluiu que se ele fugisse, Deus escolheria outro profeta, ao invés de localiza-lo e fazê-lo ir a Nínive. Ao ir na direção oposta de Nínive – o mais longe possível de Nínive – Jonas estava tentando evitar ter qualquer participação no arrependimento dos ninivitas (cf. 4.2). Em suma, ele parecia estar tentando fugir da comissão formal do soberano SENHOR. A expressão hebraica *millipne*, traduzida “da presença do” (ARA), refere-se a uma audiência oficial com um rei (Gn 41.46; 2 Rs 6.32; cf. Gn 4.16; 2 Rs 5.27). Uma expressão diferente (*mippene*) teria indicado que Jonas estava simplesmente fugindo do

---

<sup>53</sup> Ibid., s.v. “Tarshish”, by J. A. Thompson, págs. 1239-1240.

<sup>54</sup> Josephus, 9:10:2.

<sup>55</sup> Charles R. Swindoll, *The Swindoll Study Bible*, pág. 1068.

<sup>56</sup> Jack M. Sasson, *Jonah*, pág. 82.

<sup>57</sup> Joyce Baldwin, “Jonah”, em *The Minor Prophets*, pág. 543.

SENHOR.<sup>58</sup> Este é o único caso na Escritura de um profeta desobedecendo ao chamado de Deus (cf. Am 3.8 para uma resposta típica), embora outros tenham resistido (p. ex.: Moisés, Jeremias).

“Jonas não queria que Deus poupasse a Nínive”.<sup>59</sup>

Isaías havia profetizado anteriormente que os assírios invadiriam Israel (Is 7.17-8.28), e Oséias, um contemporâneo de Jonas, escreveu a mesma coisa (Os 9.3; 10.6; 11.5).

O motivo de Jonas pode ter incluído o desejo de preservar sua própria reputação como profeta.<sup>60</sup> Entretanto, foi “[d]a presença do SENHOR” localizada na Terra Prometida – mencionada duas vezes neste versículo para enfatizar – que Jonas buscou escapar mais do que qualquer coisa (cf. v. 10; Gn 4.16; Sl 139.7, 9-10). Especificamente, foi a influência de Deus sobre ele. Ele provavelmente sabia que não poderia se ausentar da presença literal do onipresente Yahweh.

“Ser um profeta não era necessariamente ser um grande teólogo. Deus escolhe quem ele quer, seja um profissional treinado especialista ou não (cf. Am 7.14-15)”.<sup>61</sup>

Há um quiasmo (uma estrutura cruzada) neste versículo. Começa e termina com referências feitas ao ir para Társis e se apartar da presença do SENHOR. No centro há outra referência à ida a Társis. Essa estrutura enfatiza o fato de que Jonas repudiou de modo desafiador o chamado de Deus.

“Se ele fosse ser desobediente, o faria de forma honesta. Ele pagou sua passagem. Mas, por mais determinados que estejamos a encontrar nosso navio e pagar nossa passagem, não nos afastaremos de Deus”.<sup>62</sup>

---

<sup>58</sup> Walton, pág. 473.

<sup>59</sup> Baxter, 4:159. Itálico omitido.

<sup>60</sup> Harry A. Ironside, *Notes on the Minor Prophets*, pág. 198.

<sup>61</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, pág. 466.

<sup>62</sup> G. Campbell Morgan, *The Unfolding Message of the Bible*, pág. 189.

Talvez possamos apreciar como Jonas se sentiu sobre sua comissão se compararmos a um caso semelhante, mas hipotético. Suponha que Deus chamasse um judeu, que vivia durante o regime de Hitler para ir a Berlim profetizar publicamente que Deus iria destruir a Alemanha nazista a menos que os alemães se arrependessem. A possibilidade dos alemães se arrependerem e Deus reter o juízo sobre eles teria sido totalmente repugnante para tal judeu, e ele temeria por sua vida. Seu patriotismo racial teria entrado em conflito com sua fidelidade a Deus – tal como aconteceu com Jonas.<sup>63</sup>

“Nesta breve introdução ao livro o leitor aprende três coisas centrais: (1) quem era Jonas; (2) o que Yahweh queria que ele fizesse; (3) a resposta de Jonas. Consequentemente, são apresentados os personagens principais da história, ou seja, Jonas e Deus; e a situação em torno da qual a história gira, isto é, a relutância de Jonas de cumprir uma comissão divina que ele considera odiosa”.<sup>64</sup>

Muitos servos do SENHOR, ao longo da história, pensaram erroneamente que poderiam se afastar do SENHOR e escapar das consequências de suas ações se mudando de local. Este livro nos ensina que isso não é possível (cf. Sl 139.7-10).

Alguns cristãos presumem que, porque as circunstâncias são favoráveis, aquilo que estão fazendo deve ter a aprovação de Deus. Jonas conseguiu comprar uma passagem para Társis e começar sua jornada. Ele poderia ter concluído, como muitos cristãos fazem, que isso era um sinal de Deus. Não era.

“É possível estar fora da vontade de Deus e ainda assim as circunstâncias parecerem estar trabalhando a seu favor”.<sup>65</sup>

“... você nem sempre pode interpretar as boas circunstâncias como sendo a vontade de Deus e as circunstâncias desfavoráveis como não sendo a vontade de Deus”.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> Gaebelien, pág. 72.

<sup>64</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, pág. 452.

<sup>65</sup> Wiersbe, págs. 378-379.

<sup>66</sup> McGee, *Thru the ...*, 3:744.

“O caminho pronto nem sempre é o caminho certo”.<sup>67</sup>

“Um oficial de um exército pode renunciar ao comissionamento de seu presidente ou rei, mas um embaixador do Senhor se encontra num patamar diferente. Seu serviço é vitalício, e ele não pode renunciar sem o perigo de incorrer na disciplina de Deus”.<sup>68</sup>

## **B. A FALTA DE COMPAIXÃO DE JONAS 1.4-6**

- 1.4 Jonas se submeteu a perigos quando se lançou ao mar, que Israel e todo o antigo Oriente Próximo o viam diretamente sob controle divino. O mar para eles, era a personificação de forças caóticas que os seres humanos eram incapazes de controlar ou domar (cf. Sl 24.2; 33.7; 65.7; 74.13; 77.19; 89.9; 114.3, 5; Is 27.1; 51.10; 63.11; Jr 5.22; 31.35; et al.). Jonas estava desesperado para fugir de onde ele pensava que Deus pudesse vir atrás dele (cf. Gn 3.8). No entanto, Deus usou o vento para trazer o profeta pródigo ao lugar que Ele queria que ele estivesse (cf. Gn 1.2).

“Quando alguém se propõe a confundir Deus, é provável que haja uma tempestade!”<sup>69</sup>

“Foi graça da parte de Deus buscar Seu servo desobediente e não permitir que ele permanecesse por muito tempo em seu pecado”.<sup>70</sup>

“... Deus amou muito o Seu pobre e falido servo para permitir que ele prosperasse enquanto seguia o seu tolo e pecaminoso caminho”.<sup>71</sup>

No texto hebraico, a última parte deste versículo está literalmente assim: “o navio pensou que seria despedaçado” – uma personificação gráfica.

- 1.5 Os marinheiros eram um misto de convicções religiosas. Alguns deles provavelmente eram fenícios, uma vez que os fenícios eram comumente

<sup>67</sup> Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, pág. 1142.

<sup>68</sup> Gaebelein, pág. 74.

<sup>69</sup> Robinson, pág. 71.

<sup>70</sup> Charles L. Feinberg, *Jonah, Micah, and Nahum*, pág. 15.

<sup>71</sup> Ironside, pág. 200.

comerciantes marítimos. A Fenícia era um centro de adoração a Baal nos dias de Jonas. A disposição dos marinheiros de jogar sua carga no mar ilustra o perigo extremo que eles enfrentaram (cf. At 27.18-20).

A capacidade de Jonas de dormir em tais condições parece muito incomum. A mesma palavra hebraica (*radam*) descreve o sono profundo de Sísera, produzido por sua exaustão (Jz 4.21), e o sono profundo que Deus colocou sob Adão e Abrão (Gn 2.21; 15.12). Talvez Jonas estivesse exausto e foi divinamente auxiliado a dormir.

“Talvez sua ação mostre, mais do que qualquer coisa, indiferença e uma surpreendente autoconfiança”.<sup>72</sup>

A condição de Jonas não parece ter uma influência importante na história; é provavelmente um detalhe. Os eventos que se seguem poderiam também ter acontecido se ele estivesse bem acordado.

O que parece incomum é a atitude de Jonas de “auto segurança descuidada”.<sup>73</sup> Ele parece ter preferido a morte do que enfrentar a Deus em vida. Ele não apenas fugiu para Társis, mas também fugiu para a parte mais interna (o “porão”) do navio (cf. Am 6.10).

“Certa vez, nutri o ponto de vista popular de que se um homem sai da vontade de Deus e adentra o pecado, ele será atormentado com uma má consciência e estará simplesmente na miséria. Será que isto é verdade a respeito de Jonas?”.<sup>74</sup>

É óbvio que não. Jonas conseguiu dormir durante a tempestade.

- 1.6 Foi preciso um capitão do mar, provavelmente pagão, para lembrar Jonas do seu dever. As palavras que o capitão usou são as mesmas que Deus usou (“Levante-se!” cf. v. 2, heb. *qum lek*). Jonas deveria estar orando ao invés de dormir, em vista do perigo iminente que ele e seus companheiros enfrentavam (cf. Lc 22.39-46). A reação normal ao perigo, mesmo entre

<sup>72</sup> Arno C. Gaebelin, *The Annotated Bible*, 2:3:161.

<sup>73</sup> Keil, 1:393.

<sup>74</sup> McGee, *Thru the ...*, 3:745.



pagãos, é de buscar intervenção divina, mas é precisamente isto que Jonas queria evitar. Jonas não se importava se ele morresse (v. 12).

“Sabemos bem com que frequência o pecado traz consigo a insensibilidade. Que vergonha o profeta de Deus ter que ser convocado a orar por um pagão”.<sup>75</sup>

O que o capitão esperava que o Deus de Jonas fizesse, Ele fez. Ele é o único Deus verdadeiro e Ele mostra interesse pelas pessoas (cf. 4.2, 11). Essa demonstração do interesse de Yahweh pelas pessoas em perigo é um dos grandes temas deste livro. Deus mostrou compaixão pelos Ninivitas e depois por Jonas, mas Jonas mostrou pouca compaixão pelos ninivitas, por aqueles marinheiros, e até por si mesmo.

Enquanto a primeira perícopé (seção) da história (vv. 1-3) ilumina a falta de compaixão que caracterizava o profeta, esta segunda (vv. 4-6) a reforça e implica, em contraste, que Deus é compassivo. Jonas não estava apenas fugindo da presença de Deus, mas também estava exibindo um caráter oposto ao de Deus. Esse é frequentemente o caso quando o povo de Deus vira as costas para Ele e foge de Suas diretrizes.

### **C. A FALHA DE JONAS EM TEMER SEU DEUS SOBERANO 1.7-10**

Os marinheiros interrogaram Jonas sobre suas razões para viajar em seu navio, mas foi sua incapacidade de viver coerentemente com suas convicções que os surpreendeu.

1.7 Parece ter sido comum entre os pagãos o “lançar sortes” para determinar quem era responsável por alguma catástrofe (cf. Jo 19.24). Saul recorreu a isso quando não conseguiu obter uma resposta direta do SENHOR (cf. 1 Sm 14.36-42). Lançar sortes era um método divinamente prescrito para conhecer a vontade de Deus em Israel (por exemplo, Lv 16.8-10; Nm 26.55-56; 33.54; 34.13; 36.2-3; Js 14.2; 15.1; 16.1; et al.). No entanto, conforme praticado pelos pagãos, era uma prática supersticiosa destinada a produzir resultados favoráveis. Muitas formas de jogo em nossos dias são semelhantes. Neste caso, Deus anulou e deu aos marinheiros a resposta correta ao seu pedido (cf. Pv 16.33).

---

<sup>75</sup> Feinberg, pág. 16.

“... Jonas ganhou na loteria – ou perdeu”.<sup>76</sup>

A declaração dos marinheiros é irônica. A palavra hebraica *ra'a*, traduzida com a ideia de “catástrofe” aqui (“este mal”, ARA, ACF, NVI), é traduzida como “maldade” no versículo 2. Deus comissionou Jonas para denunciar a “maldade” moral dos ninivitas, mas ele se tornou uma fonte de “catástrofe” para os marinheiros pagãos.

1.8 Os marinheiros continuaram interrogando Jonas quando acreditaram ter identificado o culpado responsável pela sua calamidade. Jonas se envolveu em alguma situação que trouxe uma maldição de outra pessoa, que resultou na tempestade? Possivelmente o motivo de sua inquietação tinha alguma conexão com a profissão de Jonas ou sua cidade natal. Sua origem étnica ou nacional também por ser a chave que eles buscavam. Encontrar a razão da sua inquietação era o que eles queriam. Eles não presumiram, de forma ignorante, que acabar com Jonas resolveria seu problema.

1.9 Não deveria ter sido surpresa aos marinheiros que Jonas fosse “um hebreu”, já que eles o levaram a bordo em Jope, um importante porto em Israel. “Hebreu” é o nome pelo qual os vizinhos dos israelitas os conheciam (1 Sm 4.6, 9; 14.11). Jonas provavelmente se identificou como um hebreu como um preâmbulo para explicar que ele adorava Yahweh Elohim (“SENHOR Deus”), o Deus celestial dos hebreus. Os fenícios também pensavam em Baal como um deus do céu (cf. 1 Rs 18.24).

Foi o fato desse Deus hebreu ter feito “o mar” que eles viajaram, assim como “a terra seca”, que convenceu os marinheiros de que Jonas havia feito algo muito sério. Era óbvio a eles que o Deus de Jonas estava atrás dele, e tinha mandado a tempestade para coloca-lo em Suas mãos. Ironicamente, o que estava tão claro para esses pagãos estava obscuro ao profeta fugitivo. Quando Deus soberanamente escolhe alguém para um serviço especial, essa pessoa não pode correr ou se esconder dEle. Jonas ainda não havia aprendido essa lição.

O título “o Deus do céu” é comum nos livros pós-exílicos (P. ex.: Ed 1.2; 7.12; Ne 1.4; Dn 2.18-19, 37, 44; 5.21, 23). Este fato tem influenciado

---

<sup>76</sup> Allen, pág. 208.

alguns estudiosos a concluir que o Livro de Jonas também deve datar do mesmo período. Mas, este título era muito antigo na história de Israel (cf. Gn 24.3, 7). Seu uso nesta ocasião foi particularmente apropriado, pois expressava a supremacia de Yahweh aos pagãos politeístas.

A confissão de Jonas é uma característica central nesta narrativa. É o centro de uma estrutura quiástica que começa no versículo 4 e se estende até o versículo 16.<sup>77</sup>

1.10 A exclamação dos marinheiros (na forma de uma pergunta retórica, cf. 4.10) expressou sua incredulidade para com a ingenuidade de Jonas em tentar fugir do Deus que criou o mar – fazendo uma viagem marítima! Certamente Jonas deveria saber que Yahweh tornaria sua viagem perigosa. Evidentemente, Jonas já havia dito a eles que estava a “fugir do SENHOR” (cf. v. 3, onde “da presença do SENHOR”, ARA, ocorre duas vezes), mas eles não entenderam (no versículo 3) que o SENHOR era o Criador do mar. Se a agência de viagens em Jope soubesse disso, provavelmente não teria vendido a passagem para Jonas.

No antigo Oriente politeísta, as pessoas concebiam uma multidão de deuses, cada um com autoridade sobre uma área particular da vida. Por exemplo: um deus das montanhas teria pouco poder nas planícies (cf. 1 Rs 20.23).

Antes, os marinheiros temiam a tempestade, mas agora eles temeram ao SENHOR, reconhecendo o Criador acima da criação.<sup>78</sup>

“Esta é a visão irônica do contador de histórias da pessoa que pensa que pode escapar de Yawheh. E no entanto, esta ironia, com todo o seu exagero é, sagazmente absurda e não amarga”.<sup>79</sup>

Essa perícopes, como as duas anteriores, leva a um clímax que enfatiza o fracasso de Jonas. Ele não temia a Deus, embora, mais uma vez ironicamente, os marinheiros pagãos o

<sup>77</sup> Veja Ernst R. Wendland, “Text Analysis and the Genre of Jonah (Part 2)”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 39:3 (Setembro 1996):374-375, que também aponta muitas outras características estruturais de Jonas.

<sup>78</sup> Gaebelin, pág. 79.

<sup>79</sup> Hans W. Wolff, *Obadiah and Jonah*, pág. 139.

fizessem. Jonas professou fé num Deus soberano, mas, ao tentar escapar do SENHOR ele negou sua convicção na soberania de Yahweh. Não se pode fugir ou se esconder de um Deus soberano.

**D. A COMPAIXÃO DOS MARINHEIROS E O TEMOR A DEUS 1.11-16**

Em vez de se tornar o instrumento de salvação de Deus, Jonas se tornou um objeto de destruição porque se rebelou contra Deus.

1.11 Os marinheiros poderiam saber o que fazer com Jonas se ele fosse um criminoso, culpado de algum crime, ou se tivesse acidentalmente transgredido a lei do seu Deus. Mas, ele era culpado de ser um servo do seu Deus e de desobedecer diretamente à ordem do SENHOR a ele. Eles não tinham ideia do que aplacaria o Criador do mar naquela questão, então perguntaram a Jonas, uma vez que ele conhecia o seu Deus.

1.12 A resposta de Jonas revela a ambiguidade do profeta. Ele poderia ter pedido aos marinheiros que voltassem a Jope, se ele de fato pretendesse obedecer ao SENHOR e ir para Nínive. Seu arrependimento certamente teria resultado em Deus retendo seu juízo sobre os marinheiros, assim como, mais tarde, o arrependimento dos ninivitas resultou em Seu juízo sendo retido deles.

Ainda assim, Jonas não estava pronto para obedecer a Deus. Apesar disso, sua compaixão e preocupação pelas vidas dos marinheiros o levou a dar-lhes um plano destinado a libertá-los da punição de Deus. Isso também resultaria em sua morte, que ele considerava preferível a obedecer a Deus. Seu coração ainda estava duro como sempre em relação a situação dos ninivitas, embora ele soubesse que Deus o estava disciplinando.

“Ele pronuncia esta sentença, não em virtude de qualquer inspiração profética, mas como um israelita fiel, que está bem familiarizado com a severidade da justiça do santo Deus, tanto da lei quanto da história de sua nação”.<sup>80</sup>

Por que Jonas não acabou com sua própria vida pulando ao mar? Suspeito que ele não tinha a coragem de fazê-lo. Obviamente, foi preciso coragem

---

<sup>80</sup> Keil, 1:396.

considerável para aconselhar os marinheiros a joga-lo no mar, onde ele deve ter esperado se afogar, mas o suicídio exige ainda mais coragem.

“A piedade dos marinheiros, evidentemente banuiu sua indiferença despreocupada e tocou sua consciência. Agora, ele percebeu o quão terrível é o pecado que provocou essa terrível tempestade. A única maneira de apaziguar a tempestade da ira de Yahweh é abandonando a si mesmo dela como um merecimento justo pelo seu pecado. Sua disposição para morrer é um indicativo de que ele percebe sua culpa diante de Deus”.<sup>81</sup>

1.13 Os marinheiros inicialmente rejeitaram o conselho de Jonas e compassivamente escolheram deixa-lo no desembarque mais próximo. Normalmente os marinheiros evitariam a costa em uma tempestade, porque isso seria muito perigoso. Eles fatigaram todos os músculos por causa de Jonas, colocando literalmente os remos dentro d’água. Eles demonstraram mais preocupação por um homem do que Jonas tinha pelos milhares de homens, mulheres e crianças em Nínive. Quando o alcançar da terra se tornou impossível por causa do mar revolto, eles oraram a Yahweh, algo que não temos registro que o profeta tenha feito.

1.14 Os marinheiros também declararam de maneira audível sua fé na soberania de Deus, que Jonas havia negado por seu comportamento. Eles pediram libertação física e perdão da culpa, uma vez que anteciparam que Jonas morreria por causa de seu ato. Evidentemente, eles criam que a soberania de Deus era tão fortemente óbvia que Ele poderia perdoá-los. A morte inocente de Jonas parecia inevitável para eles, por mais que tentassem evita-la. Ainda assim, eles não podiam ter certeza de que estavam fazendo a vontade de Deus, e temiam que Ele pudesse puni-los por tirar a vida de Seu servo.

Da perspectiva dos marinheiros, Jonas era “inocente” (heb. *naqi*) de morte porque ele não havia cometido nenhum dos crimes pelos quais as pessoas sofreram morte pelas mãos de seus semelhantes. No entanto, nada menos

---

<sup>81</sup> Allen, págs. 210-211.

que a morte era o que ele merecia por pecar contra Deus (Ez 18.4, 20; Rm 6.23).

1.15-16 O cessar imediato da tempestade provou aos marinheiros que Yahweh de fato controlava o mar (cf. Mt 8.26). Portanto, eles O temeram (respeitaram e ficaram com medo), “ofereceram um sacrifício” a Ele (quando chegaram à praia?), e “firmaram o compromisso” (talvez para venera-Lo, cf. Sl 116.17-18).

“O livro de Jonas contém, em suas poucas páginas, uma das maiores concentrações do sobrenatural na Bíblia. Ainda assim, é significativo que a maioria deles seja baseado em fenômenos naturais”.<sup>82</sup>

Esses marinheiros eram muito provavelmente politeístas, então, não devemos concluir que eles abandonaram sua adoração a outros deuses e se tornaram necessariamente adoradores exclusivos de Yahweh – embora alguns deles possam ter feito isso. O fato de os marinheiros terem feito votos a Deus pode apontar para a sua conversão.

“Qualquer pessoa que entrar em contato com o poder do SENHOR não pode deixar de se impressionar com Ele, mas tal admiração não produz necessariamente um relacionamento com Ele”.<sup>83</sup>

Note que esses marinheiros pagãos temeram a Deus mais do que o profeta (v. 9). Por suas ações eles deram a Deus o respeito que Ele merece, mas Jonas não o fez.

“Neste episódio, os marinheiros são uma contraposição para Jonas. Em contraste a Jonas, que prega mas não ora, os marinheiros oferecem orações a Deus. Em contraste com Jonas, que diz temer a Deus mas age de maneira inconsistente com seu chamado, os marinheiros, que mal

---

<sup>82</sup> Gaebelin, pág. 83.

<sup>83</sup> Walton, pág. 473.

conhecem o Deus de Jonas, respondem a Ele com temor genuíno”.<sup>84</sup>

“Através da deserção de Jonas, a tripulação de um navio reconhece o poder do Criador, chega ao ponto de adora-Lo, e O reconhece como SENHOR. Se esse é o resultado da desobediência de Jonas, o que Deus fará como resultado da obediência de Jonas?”.<sup>85</sup>

Esta história é repleta de ironia.<sup>86</sup> Quando alguém conhece a Deus mas escolhe desobedece-Lo, essa pessoa começa a demonstrar ainda menos compaixão pelos outros, menos fé na soberania de Deus e menos temor a Ele do que os pagãos geralmente demonstram.

“Acima de tudo, a história, até este momento, exalta o fato de que o pecado não compensa e que, por mais que o pecador queira escapar, ele é o homem marcado por Deus. O salário do pecado é a morte”.<sup>87</sup>

#### **E. A LIBERTAÇÃO DE DEUS A JONAS 1.17-2.1**

Pela segunda vez nesta história, Deus tomou a iniciativa de mover Seu profeta para cumprir Sua vontade (cf. v. 1). Desta vez Jonas voltou-se ao SENHOR.

1.17 A identidade do “grande peixe” permanece um mistério, uma vez que o único registro dele se encontra nessa história e essa descrição é genérica. A palavra hebraica *dag*, traduzida por “peixe” descreve uma variedade de criaturas aquáticas. O texto não diz que Deus criou este peixe do nada (*ex nihilo*), nem o que o peixe fez requer qualquer explicação. Existem muitos tipos de peixes capazes de engolir um ser humano inteiro.<sup>88</sup> Dois exemplos são o Cachalote e o tubarão-baleia. (Josefo chamou esse grande peixe de baleia).<sup>89</sup>

---

<sup>84</sup> Chisholm, *Handbook of ...*, pág. 411.

<sup>85</sup> Baldwin, págs. 563-564.

<sup>86</sup> Veja Edwin M. Good, *Irony in the Old Testament*.

<sup>87</sup> Allen, pág. 213.

<sup>88</sup> Veja Wilson, págs. 631-632.

<sup>89</sup> Josefo, 9:10:2.

Ocasionalmente, ouvimos falar de alguém que passou vários dias em um peixe ou em algum outro grande animal – e sobreviveu.<sup>90</sup> Apesar disso, a experiência de Jonas tem sido um dos alvos favoritos de incrédulos em relação aos milagres, que afirmam que esta história é absurda (cf. Mt 12.39-40). Alguns estudiosos da Bíblia criticaram alguns comentaristas por documentar casos de grandes peixes engolindo pessoas que sobreviveram, como se tais explicações diminuíssem o poder de Deus. Elas não o fazem.

“As inúmeras tentativas feitas no passado para identificar o tipo de peixe que poderia, dentro de si, manter Jonas vivo são equivocadas. Como o próprio Jonas saberia? Podemos supor que ele teve um vislumbre do peixe quando se voltava para o mar depois de vomita-lo na praia (v. 1 [1.10 no texto hebraico])? Quanto ele poderia ter entendido do que aconteceu com ele quando foi engolido? Essas perguntas não tem respostas. Pergunta-las é ignorar a maneira como a história é contada. Que tipo de peixe as pessoas podem viver dentro não é de interesse da Escritura”.<sup>91</sup>

Jonas ser engolido por um peixe não foi um ato de punição divina, mas de divina preservação. Significativamente, Deus salvou a vida de Jonas usando um peixe, ao invés de usar um método mais convencional, como fornecer um pedaço de madeira ao qual ele pudesse se agarrar. Por isso, este método de libertação deve ter algum significado especial. Os judeus estavam familiarizados com o mitológico monstro marinho (ugarítico *lotan*, heb. *leviatã*), que simbolizava tanto o caos incontrolável do mar quanto as forças caóticas que apenas Yahweh poderia controlar (cf. Sl 74.13-14; 104.25-26).

Os hebreus não acreditavam que o *leviatã* realmente existia, assim como não acreditamos em papai Noel. Mas a figura era familiar e eles sabiam o que ela representava. Jonas, ao relatar sua experiência de libertação neste contexto cultural do antigo Oriente Próximo, teria impressionado seus ouvintes com o fato de que um grande Deus o havia, de fato, enviado a

---

<sup>90</sup> Para vários destes casos, veja Harrison, págs. 907-908, Keil, 1:398; Robinson, pág. 78; Pusey, 1:385-387; ou Baxter, 4:152-154.

<sup>91</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, pág. 474.



eles. É provável que por este motivo Deus escolheu salvar Jonas usando um grande peixe.

“No Livro de Jonas [a palavra hebraica *manah*, traduzida por “deparou”] significa ‘designar’ ou ‘ordenar’, e descreve a intervenção de Deus nos acontecimentos naturais para realizar a Sua vontade. Ao preparar o peixe [1.17], a planta [4.6] e o verme [4.7, e o vento 4.8], Deus fez com que a missão de Jonas não fosse deixada ao acaso. Deus exerceu soberania não apenas sobre o mundo animal e vegetal, mas também sobre a vida de Jonas, usando animais tão [grandes como um grande peixe e] pequenos como um verme para ensinar Jonas sobre Sua grande misericórdia (veja Jn 4.6-8)”.<sup>92</sup>

Aqui, Deus controlou o que é humanamente incontável para poupar a vida de Jonas. O Deus que é grande o suficiente para controlar o comportamento de peixes, pode controlar qualquer coisa, e Ele usou Seu poder para um propósito amoroso. Isso é mais notável uma vez que Jonas, como servo de Deus, se rebelou contra o seu Mestre. O método de libertação de Deus, portanto, revela tanto Seu grande poder quanto Seu gracioso coração.

“Os homens tem olhado tanto para o grande peixe que falharam em ver o grande Deus”<sup>93</sup>

“A grandeza do Deus de Israel é o mais importante do livro”<sup>94</sup>

Jonas foi capaz de calcular quanto tempo ele ficou dentro do peixe somente depois que ele saiu dele. Obviamente, ele perdeu a noção do tempo dentro do peixe.

---

<sup>92</sup> *The Nelson ...*, pág. 1499.

<sup>93</sup> G. Campbell Morgan, *The Minor Prophets*, pág. 69.

<sup>94</sup> Allen, pág. 192.

Os antigos do Oriente Próximo viam a viagem ao submundo, terra dos mortos, como uma jornada de três dias.<sup>95</sup> Os leitores originais desta história teriam concluído que o peixe deu a Jonas uma viagem de volta da terra dos mortos, para a qual Jonas, por seu próprio reconhecimento, havia descido (2.2, 6).

O período de três dias também era significativo porque a libertação de Jonas se tornou precursora de uma salvação ainda maior que levou três dias e três noites para se realizar (Mt 12.40). Deus restaurou a vida de Jonas para que ele fosse instrumento de Deus provendo salvação a uma grande população de gentios (e indiretamente judia) sob o juízo de Deus por seus pecados. Digo “indiretamente judia” porque quando os ninivitas se arrependeram, eles não atacaram Israel. Deus ressuscitou Jesus para que ele fosse instrumento de Deus provendo salvação para uma população ainda maior de judeus e gentios sob o juízo de Deus por seus pecados.

Ironside observou um paralelo entre a experiência de Jonas e a de Israel:

“Do ponto de vista do dispensacionalismo, é Israel que, por causa de seu fracasso como testemunha de Deus na terra, foi lançado no mar dos gentios, mas que, apesar de todos os seus reveses, foi maravilhosamente preservado pelo Senhor e ainda há de se tornar Sua testemunha para o mundo inteiro”.<sup>96</sup>

2.1 Esta é a primeira menção de Jonas orando (cf. 4.2). Tanto neste versículo como em 4.2 aparece o verbo hebraico comum *hitpallel*, “orar”. Em 1.5 e 3.8 ocorre o verbo hebraico *qara'*, “chamar”. Até agora Jonas estava fugindo do Senhor e se escondendo dEle. Agora, em sua enorme angústia, ele finalmente buscou ao SENHOR. Estar disposto a morrer por afogamento é uma coisa (1.12), mas morte por digestão gradual era algo que Jonas não havia antecipado.

Não sabemos quanto tempo Jonas lutou no mar antes que o peixe o engolissem. Talvez esse terror tenha contribuído para o seu arrependimento. Alguns intérpretes acreditam que o arrependimento de

<sup>95</sup> George M. Landes, “The ‘Three Days and Three Nights’ Motif in Jonah 2:1”, *Journal of Biblical Literature* 86 (1967):246-250.

<sup>96</sup> Ironside, pág. 203.

Jonas é um tipo de arrependimento do remanescente judeu que ocorrerá antes do início do governo milenar de Jesus Cristo na terra.<sup>97</sup>

Muitas vezes, Deus tem que disciplinar severamente Seus filhos rebeldes antes de nos voltarmos a Ele.

#### **F. SALMO DE AÇÃO GRATIDÃO DE JONAS 2.2-9**

A oração a seguir é, principalmente ação de graças pela libertação do afogamento. Não se trata de gratidão pelo livramento do peixe ou uma oração de confissão, como poderíamos esperar. Jonas orou enquanto estava no peixe. Jonas deve ter tido algum tempo para compô-la. É duvidoso que alguém orasse assim e em seguida morresse imediatamente após ser engolido, o que a teoria de McGee de que Jonas morreu e ressuscitou requer. J. Vernon McGee acreditava que Jonas morreu e Deus o ressuscitou, com base nas palavras de Jesus sobre ele (Mt 12.39-40).<sup>98</sup>

Obviamente, Jonas concluiu, depois de certo tempo no estômago do peixe, que ele não morreria por afogamento. O afogamento era uma forma de morte particularmente desagradável para alguém no antigo Oriente Próximo como Jonas, que considerava o mar como um grande inimigo. Ser enterrado com seus ancestrais era preferível. A habilidade de Jonas de agradecer a Deus em meio à sua câmara de tortura, que deve tê-lo lançado em todas as direções de maneira incontrolável, mostra que ele experimentou uma mudança de atitude notável (cf. 1.3, 12).

Jonas poderia ter composto o núcleo deste salmo, que contem sua oração, enquanto estava dentro do grande peixe. Ele deve ter orado muitas vezes durante os três dias e três noites em que ele se encontrava no estômago do peixe. Ele provavelmente compôs ou poliu todo o salmo algum tempo depois que estava de volta, seguro em terra seca. Há muitas semelhanças com outros salmos do Saltério. Claramente Jonas conhecia bem os salmos, e ele poderia ter passado muito tempo refletindo neles durante seus três dias no peixe. Alguém pode se perguntar: como alguém poderia pensar de forma tão coerente dentro de um peixe?

Este capítulo corresponde ao capítulo um em seus conteúdos:<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> P. ex.: J. N. Darby, *Synopsis of the Books of the Bible*, 2:560; J. Dwight Pentecost, *Thy Kingdom Come*, pág. 328; e Feinberg, págs. 28-29.

<sup>98</sup> McGee, *Jonah: Dead ...*, págs. 21-27; e idem, *Thru the ...*, 3:749-753.

<sup>99</sup> John D. Hannah, "Jonah", em *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, pág. 1467.

<b>Capítulo 1: Os marinheiros</b>		<b>Capítulo 2: O profeta</b>	
1.4	Crise no mar	2.3-6a	Crise no mar
1.14	Oração a Yahweh	2.2, 7	Oração a Yahweh
1.15b	Libertação da tempestade	2.6b	Libertação do afogamento
1.16	Sacrifício e votos oferecidos a Deus	2.9	Sacrifício e votos oferecidos a Deus

2.2 Jonas, como muitos outros, clamou ao SENHOR de uma situação angustiante, pedindo ajuda e o SENHOR respondeu ao seu clamor com libertação (cf. Sl 3.4; 120.1). A segunda parte do versículo é uma reafirmação paralela da primeira parte. O profeta comparou o estomago do peixe com uma câmara mortuária da qual ele não poderia escapar. “Abismo” (ARA) é literalmente o “ventre” do Sheol, o lugar das almas que partiram que os hebreus concebiam como sob a superfície da terra. Jonas pensou que ele tinha ido se juntar aos mortos (cf. Sl 18.4-5; 30.3). Jonas anteriormente “desceu” (heb. *yarad*) a Jope (1.3), aí ele “embarcou” (literalmente “desceu”) no navio (1.3), e então “desceu” ao convés (1.5). Agora ele desceu ao “ao ventre do abismo”. Uma vez que ele estava inclinado a “cair”, Deus fez com que ele “descesse”.

“Quando você vira as costas para Deus, a única direção que você pode ir é para baixo”.<sup>100</sup>

2.3 Jonas viu a mão disciplinadora de Deus por trás dos marinheiros, que tinham sido apenas Seus instrumentos para lançar o profeta na “terra dos mortos” e no “coração do mar” (cf. Sl 88.6-7). Ele também reconheceu que o mar pertence ao Senhor (“tuas tempestuosas ondas”, cf. 1.9). Evidentemente, as ondas o subjugaram muitas vezes antes que o peixe o engolissem (cf. Sl 42.7).

2.4 Esta condição fez Jonas acreditar que Deus havia virado Suas costas a ele (cf. Lv 21.7; Sl 31.22). No entanto, ele decidiu buscar a Deus em oração (cf.

<sup>100</sup> Wiersbe, pág. 381.

Sl 5.7). Olhar para o “santo templo” de Deus é sinônimo de oração, sendo o templo o lugar de oração em Israel.

“Jonas havia se retirado voluntariamente da presença de Deus [1.2]. Agora que Deus o havia tomado em sua palavra, e ao que parecia, o expulsou dela”.<sup>101</sup>

“Ele sentiu que foi expulso da consideração e do cuidado especiais que Deus exerce sobre os Seus. Agora ele percebeu quão terrível é estar separado da presença do Senhor”.<sup>102</sup>

2.5 Jonas sentiu sua desesperança enquanto continuava seu mergulho para “as profundezas”. Ele parecia estar nas garras da morte e não de Deus. Algas marinhas (heb. *suph*, juncos) amarraram sua cabeça enquanto a água envolvia seu corpo (cf. Sl 69.1-2).

2.6 O profeta “desceu” no mar, até a base das montanhas, seus próprios alicerces. Lá ele se sentiu encarcerado como um prisioneiro incapaz de escapar. No entanto, embora da perspectiva humana não houvesse esperança de libertação, Yahweh, o forte Deus de Jonas, o fez subir do poço do Sheol (cf. Sl 49.15; 56.13; 103.4).

“A jornada ‘descendente’ de Jonas de Jerusalém para *baixo* em Jope (1.3a), para *baixo* no navio (1.3b), para *baixo* no porão de carga (1.5), e finalmente para *baixo* no fundo do mar, retratado como para baixo até os portões do mundo inferior (2.7), não termina até que ele se volte para Deus que o traz ‘para cima’, da beira da morte (2.6-7)”.<sup>103</sup>

2.7 À medida que Jonas sentia sua vida estava se esvaindo, seus pensamentos se voltaram para Yahweh (cf. Sl 107.5-6; 142.3, 5-7). Mesmo se sentindo longe de Deus, sua oração chegou ao SENHOR em Sua morada celestial.

---

<sup>101</sup> Pusey, 1:409.

<sup>102</sup> Feinberg, pág. 25.

<sup>103</sup> A nota sobre 1.3 da NET2 Bible. The NET2 Bible refere-se à The NET2 (New English Translation) Bible, 2019 ed.

“Como em 1.6, a oração é apresentada como a chave para a salvação daquele que, de outra forma, teria perecido”.<sup>104</sup>

2.8 Jonas passou a filosofar um pouco. Todo aquele que faz de um ídolo o seu deus, abandona a fonte de sua “fidelidade” (heb. *hesed*) ao fazê-lo. A fonte da fidelidade é Yahweh. Isso é verdade para os pagãos, mas o próprio profeta fez a mesma coisa. Os “ídolos vãos” (lit. vaidades vazias) em vista são coisas que em sua vida alguém coloca no lugar que é devido a Deus (cf. Sl 31.6; 1 Jo 5.21).

2.9 A condição desesperadora de Jonas o trouxe à razão. Ele retornaria à fonte da fidelidade e expressaria sua adoração a Yahweh com um sacrifício. Seu sacrifício teria que ser de “ação de graças” pois ele não tinha condições de oferecer uma oferta animal ou vegetal. Ele também prometeu “pagar” seu voto a Deus. Isso provavelmente se refere ao seu compromisso de servir fielmente ao SENHOR, de quem ele havia deixado, mas para quem ele agora voltara (cf. Sl 50.14; 69.30; 107.22).

O testemunho de que “ao SENHOR pertence a salvação” (ARA) foi a expressão de ação de graças que Jonas tinha prometido a Deus. A última declaração neste salmo é uma das grandes declarações, de maneira resumida, sobre a salvação na Bíblia. A salvação, seja ela física ou espiritual, em última análise vem de Yahweh e somente dEle, não de ídolos ou pessoas, incluindo a si mesmo (cf. Sl 3.8; 37.39). Está em Seu poder, e somente Ele pode dar. Esta declaração também implica no reconhecimento do fato que Deus tem o direito de salvar quem Ele quiser.

“Ironicamente, contudo, é esse mesmo fato que enche Jonas de intensa raiva no capítulo final do livro”.<sup>105</sup>

A palavra hebraica para salvação é *yeshua*, aqui usada na sua forma intensiva. O nome hebraico Josué significa “Yahweh é salvação”. O nome grego Jesus é a transliteração de Josué. Assim, podemos ver uma conexão muito próxima entre o que Jonas declarou (“Ao SENHOR pertence a salvação”) e o que a Escritura declara, ou seja, a salvação é através de Jesus Cristo.

<sup>104</sup> Allen, pág. 218. Cf. Heb. 4:16.

<sup>105</sup> Alexander, pág. 118.

O final deste salmo mostra Jonas fazendo o que os marinheiros fizeram anteriormente, a saber, oferecer sacrifício e fazer votos (1.16).

“Jonas merecia a morte, não a libertação. Mas Yahweh graciosamente o libertou a partir de uma intervenção especial, de modo que Jonas não fizesse outra coisa senão reconhecer a grandeza da compaixão de Yahweh, louvando-O por isso e admitindo sua confiança somente em Yahweh (cf. 2 Co 1.9-10)”.<sup>106</sup>

“Pela inclusão do salmo imediatamente após ao capítulo 1, o narrador, de maneira astuta, tenciona que seu público trace um paralelo entre a experiência de Jonas e a dos marinheiros. Ambos enfrentaram uma crise semelhante – perigo vindo do mar: ambos clamaram a Yahweh reconhecendo sua soberania. Ambos foram fisicamente salvos: ambos ofereceram sacrifício. Ironicamente Jonas é finalmente levado ao ponto que os marinheiros gentios já alcançaram. Em sua devoção suprema, ele ainda está apenas seguindo o rastro da tripulação pagã. Aquele que falhou em orar, deixando isso para os marinheiros pagãos, eventualmente alcança seu espírito de súplica e submissão”.<sup>107</sup>

Muitos intérpretes deste capítulo acreditam que o profeta se arrependeu e voltou para o SENHOR em seu coração. Tendo experimentado o dom precioso da salvação de Deus em sua própria vida, Jonas estava agora mais disposto a anunciar Sua salvação aos ninivitas. Agora ele apreciava a condição dos pagãos como nunca havia feito antes.

“Talvez a nota mais significativa sobre a oração seja sua nota de triunfo. Embora seja distintivamente claro que ele orou da barriga do peixe, e enquanto todas as suas citações indiquem a escuridão e o horror em que ele havia chegado, de maneira geral, é uma expressão de absoluta confiança em Deus e em Sua libertação”.<sup>108</sup>

---

<sup>106</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, pág. 479.

<sup>107</sup> Allen, pág. 219.

<sup>108</sup> G. Campbell Morgan, *An Exposition of the Whole Bible*, pág. 385.

Outros intérpretes acreditam que Jonas não se arrependeu, mas apenas aprendeu ser infrutífero tentar escapar do comissionamento divino.<sup>109</sup> Assim, suas declarações são hipocrisia farisaica.

“Ao examinar o salmo, não encontro uma única linha que sugira que Jonas reconheceu o erro de seus caminhos e está ansioso para fazer as malas e seguir para Nínive. Na verdade, ele enxerga seu destino como o templo”.<sup>110</sup>

Um escritor delineou a oração de Jonas da seguinte maneira: O profeta orou pela ajuda de Deus (vv. 1-2), aceitou a disciplina de Deus (v. 3), confiou nas promessas de Deus (vv. 4-7) e rendeu-se à vontade de Deus (vv. 8-9).<sup>111</sup>

George Adam Smith acreditava que este salmo não era a oração de um indivíduo, mas da nação de Israel como um todo.<sup>112</sup> As referências pessoais na oração me levam a acreditar que Jonas realmente a orou.

### **G. A LIBERTAÇÃO DE JONAS DO PEIXE 2.10**

Novamente, o autor glorificou Yahweh, atribuindo o controle dessa criatura marinha formidável a Ele (cf. 1.17). O primeiro e o segundo capítulos terminam com esta nota. O texto hebraico diz, “O SENHOR falou ao peixe” (cf. 1.1). Ao contrário de Jonas, o peixe obedeceu a Deus e “vomitou” o profeta pródigo “em terra seca”.

“Não posso resistir a fazer esta declaração de mau gosto: Isso só mostra que você não pode manter um bom homem no chão”.<sup>113</sup>

Jonas havia falado com o SENHOR em confissão (vv. 1-9) e agora Deus respondeu falando com o peixe em libertação. Após um vislumbre do Sheol (v. 2), Jonas agora estava preparado para ir aos ninivitas – cujo destino era o Sheol.

“Depois do desembarque anfíbio, descrito em Jonas 2.10, Jonas nunca parou de correr até chegar a Nínive”.<sup>114</sup>

<sup>109</sup> P. ex.: James S. Ackerman, “Satire and Symbolism in the Song of Jonah”, em *Traditions in Transformation*, págs. 213-246.

<sup>110</sup> Walton, pág. 477.

<sup>111</sup> Wiersbe, págs. 380-382.

<sup>112</sup> Smith, 2:527.

<sup>113</sup> McGee, *Thru the...*, 3:755.

<sup>114</sup> Swindoll, pág. 1070.



“Este milagre também tem um significado simbólico para Israel. Mostra que se a nação carnal, com sua mente ímpia, se voltar para o SENHOR mesmo que no último momento, ela será novamente erguida da destruição, por um milagre divino, para novidade de vida”.<sup>115</sup>

“Quando Israel se voltar ao Senhor, quando o véu for removido do coração, quando eles clamarem em verdade ao Senhor, em meio às suas angústias, o Senhor os restaurará não apenas à sua terra, mas também à comissão de testemunhar do Senhor [cf. Ap 7.1-8]”.<sup>116</sup>

Não sabemos onde Jonas desembarcou na costa. Infelizmente, vários interpretes fizeram aplicações baseadas apenas em suas especulações.

## **II. A OBEDIÊNCIA DO PROFETA – CAPS. 3-4**

A segunda metade deste livro registra a obediência de Jonas ao SENHOR após sua desobediência inicial (caps. 1-2). No entanto, ele não foi completamente obediente em suas atitudes, embora o estivesse em suas ações.

### **A. A proclamação de Jonas aos Ninivitas 3:1-4**

Deus deu a Jonas uma segunda chance de obedecê-Lo, como Ele concedeu a muitos de Seus servos (p. ex.: Pedro, João Marcos, et al.).

3.1 O autor não esclareceu exatamente quando este segundo comissionamento veio a Jonas. Pode ter sido imediatamente depois de Jonas ter chegado em terra firme, ou pode ter sido algum tempo depois. O salientado pelo autor parece ser que Deus *deu* ao profeta um segundo comissionamento e não *quando* ele foi feito (cf. 1.1-2).

Deus nem sempre dá a Seus servos uma segunda chance de obedecê-Lo depois que eles se recusaram a fazê-lo inicialmente. Frequentemente Ele simplesmente usa outros para realizar Seus propósitos. Talvez fosse isso que Jonas esperava que Deus fizesse em relação à sua comissão. No caso de Jonas, Deus soberanamente escolheu usar Jonas para esta missão – assim como Ele soberanamente enviou a tempestade e o peixe para fazer a Sua vontade. A soberania de Deus é uma forte revelação neste livro.

---

<sup>115</sup> Keil, 1:385.

<sup>116</sup> Feinberg, pág. 38.

Nínive fica cerca de 880 quilômetros a nordeste de Samaria, a capital do reino do norte de Israel. Jonas levaria pouco menos de um mês para fazer essa viagem se ele estivesse montado num camelo ou jumento, ou pouco mais de um mês se fosse caminhando.<sup>117</sup>

- 3.2 Outra evidência da soberania de Deus é a instrução do SENHOR de “proclamar” a mensagem precisa que Ele daria a Jonas. Aquele que fala uma mensagem vinda de Deus (i.e., profetas) precisa comunicar as palavras do Senhor e não suas próprias palavras.

“A vontade de Deus nunca te levará onde a graça de Deus não pode mantê-lo, e o poder de Deus não pode usá-lo”.<sup>118</sup>

Nínive era uma “grande” (heb. *gadol*) cidade em vários aspectos. Era uma cidade líder de uma das nações mais poderosas do mundo naquela época. Era também uma grande cidade (cf. v. 3; 4.11).<sup>119</sup>

“A questão é que Nínive era uma cidade com a qual Deus se interessava, uma que não era de forma alguma insignificante para Ele”.<sup>120</sup>

“A antiga cidade é [agora] representada por dois grandes montes conhecidos como Kuyunjik e Nabi Yunus, sendo este último assim chamado porque é o local da célebre tumba do profeta Jonas”.<sup>121</sup>

- 3.3 Depois de aprender que deve cumprir o comissionamento do SENHOR ou sofrer as consequências mais desagradáveis, Jonas desta vez obedeceu e viajou para o leste – para Nínive – ao invés de ir para o oeste (cf. 1.3). Diante de tudo que sabia, ele poderia acabar empalado numa estaca ou esfolado vivo, que é como os assírios frequentemente lidavam com seus inimigos. Apesar disso, tal destino era preferível a sofrer novamente a disciplina divina. Por outro lado, Jonas poderia razoavelmente ter

---

<sup>117</sup> Walton, pág. 178.

<sup>118</sup> Wiersbe, pág. 383.

<sup>119</sup> Veja McGee, *Thru the...*, 3:758-759.

<sup>120</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, pág. 487.

<sup>121</sup> Jack Finegan, *Light from the Ancient Past*, pág. 211.

esperado uma recepção positiva, já que os moradores o teriam visto como um adivinhador que veio com uma mensagem de seu(s) deus(es) (cf. José, profetas de Acabe, Daniel).

A descrição do autor, de que Nínive “era” uma grande cidade levou alguns intérpretes a concluir que não era grande quando este livro foi escrito. Alguns deles se apropriam disso como evidência de uma data tardia de escrita, mesmo durante o período pós-exílico. Entretanto, parece mais provável que o autor estivesse simplesmente descrevendo Nínive como ela era quando Deus enviou Jonas a ela. Provavelmente “era” implica que Nínive já tinha se tornado uma grande cidade quando Jonas a visitou. A sintaxe hebraica favorece esta visão. Roland de Vaux estimou que a maior cidade de Israel, Samaria, tinha uma população em torno de 30.000 nessa época.<sup>122</sup> Nínive era, pelo menos, quatro vezes maior (4.11). Jack Sasson argumentou que o quer dizer é que a cidade era “grande” no plano das coisas de Deus.<sup>123</sup>

O significado de uma caminhada de “três dias” permanece um tanto obscuro. A frase hebraica é literalmente “uma distância de três dias”, o que não resolve o problema. Pode significar que demorou três dias para percorrer a cidade de uma extremidade à outra, mas a extensão das ruínas de Nínive contradiz essa interpretação. Também pode significar que demorou três dias para caminhar ao redor da cidade, embora isso pareça improvável (cf. v.4). Se o tamanho se refere à área delimitada pelo grande muro de treze quilômetros, o que parece improvável, ou inclui os subúrbios periféricos, também não está claro. Outra interpretação é que demoraria três dias para Jonas cumprir sua missão em Nínive.<sup>124</sup>

Aparentemente, naquela época, “Nínive” se referia: (1) a cidade em si, e (2) a um complexo de quatro cidades, incluindo a cidade em questão.<sup>125</sup> Provavelmente os “três dias” de caminhada descrevem o tempo necessário que levava para visitar a cidade e seus subúrbios.<sup>126</sup> De qualquer forma, a descrição aponta claramente para o tamanho geográfico

---

<sup>122</sup> Roland de Vaux, *Ancient Israel: Its Life and Institutions*, pág. 66.

<sup>123</sup> Sasson, págs. 229-231.

<sup>124</sup> Walton, pág. 478.

<sup>125</sup> Veja Keil, 1:390; T. D. Alexander, “Jonah and Genre”, *Tyndale Bulletin* 36 (1985):57-58; e Hannah, pág. 1468.

<sup>126</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 487-488; *The Nelson ...*, pág. 1498. Cf. Robinson, pág. 80.

de Nínive como sendo grande e exigindo vários dias para que a mensagem de Jonas alcançasse a todos (cf. 4.11).

Outra explicação é que o significado literal da frase, a saber, “três dias para percorrê-la”, descreve o protocolo envolvido na visita a uma importante cidade como Nínive. Era costume no antigo Oriente Próximo, que um emissário de uma outra cidade-estado levasse três dias para uma visita oficial. Ele passaria o primeiro dia conhecendo e desfrutando da hospitalidade de seu anfitrião, o segundo dia discutindo o objetivo primário de sua visita, e o terceiro fazendo suas despedidas.<sup>127</sup>

Se Jonas era esse tipo de emissário, então ele provavelmente se apresentou como um representante divino ao rei de Nínive e a outros funcionários do governo, bem como ao povo. Esta explicação sugere que a pregação de Jonas pode ter começado com o rei, e em seguida prosseguiu ao povo, e não o contrário. Esta perspectiva pode explicar melhor o arrependimento do rei, e seu decreto ao povo para que se arrependessem (heb. *sub*; vv. 6-9), em comparação com a visão tradicional.

- 3.4 A visão tradicional sustenta que depois que Jonas chegou à periferia da cidade, ele prosseguiu e começou a anunciar sua mensagem publicamente durante seu primeiro dia lá.<sup>128</sup> Como alternativa, ele pode ter feito seu primeiro dia de pregação ao rei e talvez a algumas pessoas também. A essência de sua proclamação era que Nínive seria destruída em apenas “40 dias”. Os períodos de teste nas Escrituras geralmente eram de 40 dias de duração (Cf. Gn 7.17; Êx 24.18; 1 Rs 19.8; Mt 4.2). A Septuaginta tem “três” ao invés de “40”, mas não há justificativa para alterar o texto hebraico.<sup>129</sup>

Observe que a mensagem de Jonas foi um anúncio condenação iminente, não um chamado para se arrepender e crer no Deus de Israel. Jeremias 18.7-8 explica que as profecias de juízo presumiam que aqueles sob juízo não se arrependeriam. Se eles se arrependessem, poderiam evitar o juízo (cf. Jl 2.12-14). Libertação física, ao invés de salvação espiritual, era o que o povo de Nínive teria preferido. Conforme observado na introdução deste

<sup>127</sup> Wiseman, "Jonah's Nineveh", pág. 38. Veja também Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 487-488.

<sup>128</sup> Ellison, "Jonah", pág. 381; Keil, 1:405.

<sup>129</sup> A Septuaginta é a tradução grega da Bíblia hebraica, feita no terceiro século a.C.

comentário bíblico expositivo, tribos hostis ao norte de Nínive ameaçavam a cidade neste momento.

A mesma palavra hebraica (*haphak*, “destruída”) descreve a destruição de Sodoma e Gomorra em Gn 19.25. É possível que Jonas esperasse que Deus destruísse Nínive como Ele havia destruído Sodoma e Gomorra. Entretanto, esta palavra hebraica também significa mudado, permitindo a possibilidade de que Jonas estava anunciando que dentro de 40 dias Nínive se arrependeria.<sup>130</sup>

A mensagem de Jonas, em hebraico, tem apenas cinco palavras. A simplicidade básica da mensagem de Jonas contrasta com a grandeza de Nínive. A Palavra do SENHOR é capaz de mudar até mesmo uma complexa e sofisticada população urbana.

### **B. O arrependimento dos ninivitas 3:5-10**

A proclamação de Jonas levou os ninivitas a se humilharem e buscarem a misericórdia divina.

“Embora Nínive não tenha sido destruída, ela experimentou uma reviravolta.”<sup>131</sup>

3.5 O povo “creu em Deus” e se arrependeu (evidenciado por seu jejum e uso dos panos de saco) – aparentemente depois de apenas um dia de pregação (v. 4) – por causa da mensagem de Deus que Jonas havia trazido a eles.<sup>132</sup> Jejuar e vestir “pano de saco” envolvia auto aflição, que demonstrava uma atitude de humildade no antigo Oriente Próximo (cf. 2 Sm 3.31, 35; 1 Rs 21.27; Ne 9.1-2; Is 15.3; 58.5; Dn 9.3; Jl 1.13-14).

Saco de pano era o que os pobres e os escravos costumavam usar. Assim, usá-los evidenciava que toda a população se via como necessitada (da misericórdia de Deus neste caso) e como escrava (de Deus neste caso). Essa atitude e essas ações marcaram todos os níveis da população da cidade (ou seja, os cronologicamente velhos e jovens, e os socialmente

<sup>130</sup> Veja Joseph Parle, *Did God Change His Mind?*

<sup>131</sup> Alexander, pág. 121.

<sup>132</sup> Veja Steven J. Lawson, “The Power of Biblical Preaching: An Expository Study of Jonah 3:1-10”, *Bibliotheca Sacra* 158:631 (Julho-Setembro 2001):331-346.

altos e baixos). Os ninivitas não queriam sofrer e perecer assim como não queriam os marinheiros (cf. 1.6, 14).

Alguns comentaristas criam que duas pragas, uma inundação severa e uma fome, devastaram Nínive em 765 e 759 a.C., além de um eclipse total do sol em 15 de junho de 763, e que esses fenômenos prepararam os ninivitas para a mensagem de Jonas.<sup>133</sup> Os ninivitas provavelmente viam esse tipo de fenômenos como indicações do desagrado divino, que era uma reação comum no antigo Oriente Próximo.<sup>134</sup> A Assíria também estava experimentando reveses e um declínio temporário em suas fortunas políticas neste momento.<sup>135</sup> No entanto, esse “pré-evangelismo” providencial não é a preocupação do texto. Atribui o arrependimento dos ninivitas à pregação de Jonas.

Alguns comentaristas têm atribuído o arrependimento dos ninivitas, ao menos parcialmente, à experiência anterior de Jonas no ventre do grande peixe. Eles baseiam essa ideia na declaração de Jesus que Jonas era um sinal aos ninivitas (Mt 12.39-41; Lc 11.29-32). Jonas foi um sinal com duplo sentido: Seus três dias e três noites no peixe prenunciavam os três dias e três noites de Jesus na sepultura (Mt 12.40), e seu ministério como um profeta visitante, anunciando a destruição iminente a um povo mal sob o juízo de Deus antevia o ministério de Jesus (Mt 12.41; Lc 11.30, 32).

Estes mesmos comentaristas observam que os ninivitas adoravam Dagom, que era parte homem, parte peixe.<sup>136</sup> Eles também apontaram que a deusa assíria dos peixes, Nosh, era a principal deidade de Nínive. Alguns deles argumentam que Jonas chegou à cidade como um enviado por Nosh para proclamar o verdadeiro Deus.

Entretanto, o texto de Jonas atribui o arrependimento dos Ninivitas principalmente à mensagem que Deus havia dado a Jonas para proclamar. Seja o que for que os ninivitas soubessem sobre o encontro de Jonas com o peixe – o texto não fala nada sobre sua consciência disso – o autor deu

---

<sup>133</sup> Wiseman, "Jonah's Nineveh", pág. 44; e Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 490-491. Cf. Leon J. Wood, *A Survey of Israel's History*, págs. 326-327; e A. T. Olmstead, *History of Assyria*, págs. 169-174.

<sup>134</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, pág. 494.

<sup>135</sup> Veja Baxter, 4:173.

<sup>136</sup> P. ex.: Feinberg, pág. 33.

crédito à palavra (mensagem falada) do SENHOR, não ao histórico pessoal de Jonas.

Um escritor enxergou este texto como suporte para a doutrina evangélica histórica do exclusivismo na salvação – o ensino de que somente a fé no Deus verdadeiro salva – e o usou para argumentar contra o inclusivismo religioso (pluralismo).<sup>137</sup>

“Deus se deleita em fazer o impossível, e ainda mais quando Ele volta o homem para Si mesmo. Ao contrário então, de negar com base em sua impossibilidade ‘humana’, vejamos a Ele como uma evidência de poder divino. Por isso, o episódio do monstro marinho não é o maior milagre do livro”.<sup>138</sup>

3.6 O versículo 5 poderia ser um registro geral da resposta dos ninivitas, e os versículos 6-9 um relato mais detalhado do que aconteceu. Até “o rei” respondeu em arrependimento. “O rei de Nínive” provavelmente teria sido o rei da Assíria, uma vez que Nínive era uma das principais cidade daquele império. De maneira similar, o rei Acabe de Israel foi chamado “o rei de Samaria” (1 Rs 21.1), o rei Acazias de Israel foi chamado de “O rei de Samaria” (2 Rs 1.3), e o rei Ben-Hadade de Arã que foi chamado de “o rei de Damasco” (2 Cr 24.23, ACF).

De qualquer maneira, o autor descreveu esse homem como o “rei de Nínive”. A explicação desta descrição pode ser que o foco da profecia de Jonas era especificamente Nínive (v. 4), não todo o império assírio. Seu nome, embora de nosso interesse, era desnecessário para o autor.

Quem era esse rei? Ele foi provavelmente um dos reis assírios que governaram durante a ou próximo à regência de Jeroboão II em Israel (793-753 a.C.).<sup>139</sup>

<sup>137</sup> Wayne G. Strickland, "Isaiah, Jonah, and Religious Pluralism", *Bibliotheca Sacra* 153:609 (Janeiro-Março 1996):31-32.

<sup>138</sup> Gaebelein, pág. 103.

<sup>139</sup> Veja *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, pág. 1463.

**REIS ASSÍRIOS CONTEMPORÂNEOS A JEROBOÃO II**

Adadenirari III	811-783 a.C.
Salmanaser IV	783-772 a.C.
Assurdã III	772-754 a.C.
Assurnirari V	754-746 a.C.

Destes, talvez Assurdã III seja a possibilidade mais provável.<sup>140</sup>

“... a primeira metade do oitavo século [a.C.] é um dos períodos mais mal documentados da história Assíria”.<sup>141</sup>

“Existe algo tocante na imagem desse monarca oriental, abandonando tão rapidamente vestes tão deslumbrantes e tomando o lugar do penitente. Ele teve a virtude de não se não se conter em sua abordagem para com Deus”.<sup>142</sup>

“É preciso lembrar que um rei assírio, sincretista que era, dificilmente negaria de forma automática a validade de qualquer deus ou profeta. E um estranho não costuma exigir mais respeito do que aqueles com quem lidamos regularmente – mesmo no caso dos profetas e de outros sacerdotes (cf. Melquisedeque e Abraão, Gn 14.17-24; Moisés e Faraó, Ex 5-14; Balaão e Balaque, Nm 22-24; o levita de Belém e os danitas, Jz 17-18 etc.)”<sup>143</sup>

3.7 Este versículo descreve ainda mais a seriedade do rei e de seus nobres considerando sua situação e até que ponto foram para encorajar toda a

<sup>140</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 491-497.

<sup>141</sup> Alexander, pág. 123.

<sup>142</sup> Gaebelein, pág. 106.

<sup>143</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 491.



cidade em contrição. Eles não consideravam que seus animais precisassem se humilhar, mas os viam como expressando o espírito de seus donos.

“Não é suficiente jejuar pelo pecado, mas devemos jejuar do pecado”.<sup>144</sup>

- 3.8 Claramente os ninivitas fizeram a conexão entre o juízo iminente e a sua própria conduta. Sentiram que, abandonando sua impiedade, poderia obter alguma misericórdia de Deus. A palavra hebraica traduzida por “violência” (*hamas*) refere-se à atitude e conduta autoritárias, de alguém que alcançou poder sobre outros e o fez mal (cf. Gn 16.5). Os soldados assírios eram fisicamente violentos (Na 3.1, 3-4; cf. 2 Rs 18.33-35), assim como os caldeus (Hc 1.9; 2.8, 17) e outros que, por causa de uma conquista poderiam dominar o conquistado. A discriminação contra as minorias por serem menos poderosos manifesta esse pecado. Não devemos esquecer a violência da nossa sociedade em nossos dias.

“*Violência*, as violações arbitrárias dos direitos humanos, é um termo que ocorre nos profetas do Antigo Testamento, especialmente relacionado às cidades: a aglomeração urbana encoraja a passar por cima dos outros, como lagartas em um pote”.<sup>145</sup>

Essa referência à violência lembra Gn 6.11 e 13. Deus já havia destruído o mundo nos dias de Noé porque o mesmo era muito violento. Agora, Jonas se tornou o portador de uma mensagem de juízo sobre outra civilização violenta.

Decorar cavalos e outros animais é uma prática popular antiga. No cortejo fúnebre do presidente John F. Kennedy, um cavalo sem cavaleiro acrescentou um toque comovente ao cortejo.

“Ao colocar panos de saco nos animais, bem como em si mesmos, os ninivitas simbolizaram a unidade do homem e da natureza na humilhação e na súplica”.<sup>146</sup>

---

<sup>144</sup> Henry, pág. 1146.

<sup>145</sup> Allen, pág. 225.

<sup>146</sup> G. Herbert Livingston, "Jonah", em *The Wycliffe Bible Commentary*, pág. 848.

3.9 Os ninivitas viveram no antigo Oriente Próximo, e os antigos do Oriente Próximo viam todas as formas de vida sob o controle soberano da autoridade divina: os deuses. Mesmo sendo politeístas e pagãos, eles criam em alguma deidade da justiça que demandava justiça da humanidade. Eles também criam que suas ações afetavam as ações de seus deuses. Essa cosmovisão é essencialmente correta até onde vai – excluindo o politeísmo. Provavelmente não devemos entender o arrependimento dos ninivitas como resultado da conversão ao monoteísmo judaico. Parece improvável que todos os ninivitas tenham se tornado seguidores gentílicos de Yahweh (cf. 1.16).

“Os ninivitas presumiram então que um dos seus deuses – em última análise, é irrelevante qual deles eles pensaram ser, ou se achavam necessário fazer tal identificação – estava planejando agravar seus problemas recentes trazendo desastre para a cidade”.<sup>147</sup>

O ceder e o voltar-se (heb. *niham*) de Deus resultaria em Sua compaixão, a qual os ninivitas contaram quando se arrependeram.

“A palavra **arrepender-se**, quando utilizada para Deus, não denota tristeza pelo pecado. Antes, aponta para uma decisão da parte de Deus de mudar seu método de lidar com suas criaturas”.<sup>148</sup>

“Embora as generalidades devam sempre ser usadas com cautela, podemos dizer que nunca mais o mundo viu algo como o resultado da pregação de Jonas em Nínive”.<sup>149</sup>

É fantástico que Deus levou toda a cidade à fé (naquilo que Jonas disse) e ao arrependimento através da pregação de um homem que não amava as pessoas a quem ele pregava. Em última análise, a salvação é do SENHOR (2.9). Não depende das atitudes e ações de Seus servos, embora nossas

---

<sup>147</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 494.

<sup>148</sup> Livingston, pág. 848.

<sup>149</sup> Gaebelein, pág. 95.

atitudes e ações afetem nossa condição ao executarmos a vontade de Deus.

“O livro é um desafio para todos ouvirem o apelo de Deus para serem como os marinheiros e os ninivitas em sua submissão a Yahweh”.<sup>150</sup>

3.10 Deus notou a genuinidade do arrependimento dos ninivitas em suas ações. Esses frutos do arrependimento O levaram a reter o juízo que Ele teria enviado sobre eles se tivessem persistido em seus maus caminhos. Arrependimento é essencialmente uma mudança no pensamento de alguém. A mudança de comportamento indica que arrependimento aconteceu, mas mudança de comportamento é fruto do arrependimento e não é tudo o que existe no arrependimento (cf. Mt 3.7-10).

Nínive finalmente foi derrotada em 612 a.C., cerca de 150 anos depois.

“Podemos conhecer o caráter de Deus apenas pelo que Ele faz e pelas palavras que usa para explicar Suas ações. Quando Ele não faz o que disse que faria, nós, como seres humanos finitos, podemos apenas dizer que Ele mudou de ideia ou Se arrependeu, mesmo que reconhecamos, como Jonas fez (4.2), que Ele intentava ou desejava isso o tempo todo”.<sup>151</sup>

“O fato de Deus escolher tomar suas próprias ações contingentes – pelo menos em parte – às ações humanas não representa uma limitação de Sua soberania. Ao ter primeiro decidido colocar a opção de obediência e desobediência diante das nações, responsabiliza-las por suas ações envolve automaticamente uma espécie de contingência. Ele promete benção se elas se arrependerem e punição se não o fizerem (cf. Jr 18.7-10). Mas isso dificilmente torna Deus dependente das nações; ao

---

<sup>150</sup> Allen, pág. 189. Cf. 1:6, 14.

<sup>151</sup> Ellison, "Jonah", págs. 383-384. Cf. Feinberg, pág. 37. Veja também Thomas L. Constable, "What Prayer Will and Will Not Change", em *Essays in Honor of J. Dwight Pentecost*, págs. 99-113; e Robert B. Chisholm Jr., "Does God 'Change His Mind'?" *Bibliotheca Sacra* 152:608.

contrário, torna-os dependentes Dele, como é o ponto da lição na casa do oleiro em Jeremias 18.1-11, e o ponto do decreto de luto em Jonas 3.5-9. Deus tem todo o direito, todo o poder, e toda a autoridade”.<sup>152</sup>

“Útil também é a analogia do termômetro. É mutável ou imutável? O observador superficial dirá que é mutável, porque o mercúrio certamente se move no tubo. Mas com a mesma certeza é imutável, pois age de acordo com uma lei fixa, e invariavelmente responde com precisão à temperatura”.<sup>153</sup>

Observe que nesta seção de versículos (vv. 5-10), o nome “Deus” (heb. *Elohim*, o Forte) aparece de maneira exclusiva. Mas, o nome “SENHOR” (heb. *Yahweh*, o Deus que guarda a aliança) ocorre de maneira frequente, tanto no início quanto ao final da história. Jonas não apresentou Deus, e os ninivitas não temeram a Deus, como o Deus de Israel que guarda a aliança, mas como o Ser universal Supremo. Da mesma maneira, Deus não lidou com os ninivitas como lidou com o povo da aliança, Israel, mas como tratou com todas os povos de maneira geral. Consequentemente, a história ensina que Deus será misericordioso qualquer um, Seu eleito e Seu não-eleito, que vive submissamente à lei divina natural (cf. Gn 9.5-6).

Se uma reviravolta tão notável realmente aconteceu em Nínive, por que não há outro registro histórico disso?

“Primeiramente, os registros existentes são comparativamente escassos. Existem grandes porções não documentadas de história. Em segundo lugar, houve um viés sério, pronunciado no registro da história que dava apenas as impressões mais favoráveis”.<sup>154</sup>

### **C. O desprazer de Jonas para com a misericórdia de Deus 4.1-4**

O leitor pode presumir que a libertação dada pelo SENHOR da iminente destruição dos ninivitas é o clímax desta história. Este não é o caso. A lição mais importante do livro diz respeito ao povo de Deus, e especificamente os instrumentos humanos de Deus, não da humanidade em geral.

---

<sup>152</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 496.

<sup>153</sup> Gaebelein, pág. 111.

<sup>154</sup> Page, pág. 265.

“Embora Jonas dificilmente seja visto como um herói em qualquer parte do livro, ele parece especialmente egoísta, mesquinho, temperamental e completamente tolo no capítulo 4”.<sup>155</sup>

- 4.1 O arrependimento dos ninivitas e o juízo retido de Deus para com eles, “desgostou” a Jonas e o deixou “irado”. Ele queria ver esse inimigo de Israel em potencial destruído.

“Jonas descobre que o pavio do tempo não funciona na bomba profética que ele plantou em Nínive”.<sup>156</sup>

Em outras palavras, ele esperava que os ninivitas não respondessem ao seu chamado por arrependimento e que o juízo de Deus se concretizasse.

Esta é a primeira pista, após o arrependimento inicial de Jonas e a viagem a Nínive, de que seu coração ainda não estava completamente acertado com Deus. Pode-se fazer a vontade de Deus sem fazê-la com a atitude correta, e esse é o ponto do restante do livro. O arrependimento e as boas ações dos ninivitas agradaram a Deus, mas desagradaram a Seu representante. Eles fizeram Deus feliz, mas deixaram Jonas infeliz.

Uma tradução literal de “deixou Jonas aborrecido” é: “Foi um grande mal para para Jonas”. Até agora “mal” (heb. *ra’ah*) descrevia os ninivitas, mas agora descreve o profeta. Jonas agora se tornou “mal” aos olhos de Deus, e necessitava de punição, assim como os ninivitas haviam sido (cf. Rm 2.1). Mas Deus mostrou a Jonas a mesma compaixão que mostrara aos ninivitas.

“A palavra aponta para o contraste entre a compaixão de Deus (3.10) e o desprazer de Jonas, e, entre Deus Se *afastando* da Sua ira (3.9-10) e Jonas se *voltando* para a sua ira”.<sup>157</sup>

Jonas aqui nos lembra do irmão mais velho da parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32) e do servo sem misericórdia em Sua parábola sobre aquela

<sup>155</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 502.

<sup>156</sup> Allen, pág. 227.

<sup>157</sup> Hannah, pág. 1470.

pessoa (Mt 18.23-34). Compare a atitude do apóstolo Paulo em Romanos 9.1-3.

“... é possível que este tenha sido o único avivamento no qual o evangelista precisava de mais acompanhamento que os convertidos”.<sup>158</sup>

Por que Jonas se irou tanto? Quem era ele para reclamar? Ele havia recentemente ficado feliz pelo fato de Deus o salvar da destruição (cf. Mt 18.23-35). Não foi primariamente porque seu juízo anunciado não se materializou e assim levantou dúvidas sobre sua autenticidade como verdadeiro profeta (cf. Dt 18.21-22).

“Que tipo estranho de homem era Jonas, para temer o sucesso de seu ministério”.<sup>159</sup>

Quase todas as profecias de destruição iminente na Bíblia, presume que aqueles que estão sendo julgados permanecerão impassíveis. Ainda assim, em princípio, a punição divina é evitável desde que as pessoas se arrependam (cf. Jr 3.22; 18.8, 30-32; 33.10-15).<sup>160</sup> Sem sombra de dúvidas, Jonas ficou irado porque queria que Deus julgasse os ninivitas e assim removesse a ameaça militar à nação de Israel. Se ele estivesse ciente das profecias de Oséias e Amós, ele saberia que a Assíria invadiria e derrotaria Israel (Os 11.5; Am 5.27).

“Um número incontável de crentes nos dias de hoje perde muito da alegria de estar envolvido na obra maravilhosa de Deus por causa do egocentrismo”.<sup>161</sup>

4.2 Para seu crédito, Jonas contou a Deus por que ele estava irado (cf. 2.1; Jó); ele não murmurou ou reclamou de Deus. Muitos crentes tentam esconder seus verdadeiros sentimentos de Deus quando pensam que Deus não aprovará tais sentimentos. Embora o profeta tenha sido rebelde, e ainda

---

<sup>158</sup> Swindoll, pág. 1071.

<sup>159</sup> Henry, pág. 1146.

<sup>160</sup> Pentecost, pág. 180.

<sup>161</sup> Page, pág. 276.

não compartilhasse da compaixão de Deus, ele tinha um relacionamento pessoal com Deus.

Compare esta oração com aquela do capítulo 2. Esta é negativa e defensiva; a primeira é positiva e repleta de louvor. Esta se concentra em Jonas, mas a primeira se concentra em Deus. Esta contém nada menos que nove referências a “eu” ou “meu” no texto hebraico.

“O cerne de todo o problema é o problema do coração, e é aí que os problemas de Jonas deveriam ser encontrados”.<sup>162</sup>

O motivo de Jonas fugir para Tarsis agora se torna muito claro: ele temia que os ninivitas se arrependessem e que Deus fosse misericordioso com esse antigo inimigo do povo de Deus. Ao se opor aos israelitas, seus inimigos também se opunham a Yahweh. É por isso que um homem piedoso como Jonas odiava tanto os assírios, e por que os salmistas falaram tão vorazmente contra os inimigos de Israel.

“Algumas pessoas rejeitam as referências bíblicas em que Deus ‘Se abstém’ de julgar como sendo antropomórficas, argumentando que um Deus imutável nunca mudaria de ideia após anunciar Suas intenções. Tanto Jonas 4.2 quanto Joel 2.13 listam a capacidade de Deus de ‘mudar de ideia’ como um de Seus atributos fundamentais, que deriva de Sua compaixão e demonstra o Seu amor”.<sup>163</sup>

A descrição feita por Jonas a respeito de Deus remonta a Êxodo 34.6-7, que é uma revelação muito antiga do caráter de Deus (cf. Nm 14.18; Ne 9.17; Sl 86.15; 103.8; 145.8; Jl 2.13; Na 1.3). “Gracioso” (do heb. *hen*, graça) expressa a atitude de Deus para com aqueles que não têm nenhum direito ao relacionamento com Ele, porque estão fora de qualquer relacionamento actual com Ele. A compaixão, um dos temas desta história, é uma característica que Jonas reconheceu em Deus, mas não compartilhou com Ele como deveria. Misericordioso (heb. *hesed*) refere-se ao amor leal de Deus àqueles que estão num relacionamento actual com Ele.

---

<sup>162</sup> Wiersbe, pág. 385.

<sup>163</sup> Chisholm, *Handbook of ...*, pág. 414. Veja também Êxodo 32.14; e 34.6-7.

Sendo assim, o profeta estava criticando a Deus por qualidades que ele reconhecia em Deus! Jonas desejou que Deus não fosse tão bom!

“Não era o caso de Jonas simplesmente começar a apreciar Nínive. Ao invés disso, de forma chocante, ele não suportava mais a Deus”.<sup>164</sup>

“Jonas vê o adiar do juízo em Nínive como uma fraqueza da parte de Deus e fortemente desaprova o compartilhar da compaixão do Senhor com aqueles que são difíceis de amar”.<sup>165</sup>

“Ele estava relutante a ir [para Nínive] porque conhecia muito bem a Deus”.<sup>166</sup>

Até as melhores pessoas, pessoas como Jonas, desejam calamidade aos ímpios, mas Deus não (cf. 2 Pe 3.9).

4.3 Jonas se sentiu tão irado que pediu a Deus que lhe tirasse sua vida (cf. 1.12; 4.8-9). Elias já havia feito pedido igual (1 Rs 19.4), mas precisamos ter cuidado para não interpretar as razões de Elias no pedido de Jonas. Ambos os profetas ficaram extremamente desanimados. Ambos evidentemente sentiram que o que Deus havia feito através de seus ministérios era diferente do que queriam ver acontecer. Elias queria ver um reavivamento nacional completo, mas Jonas queria ver uma destruição nacional completa.

A pecaminosidade das pessoas desencorajou a Elias, enquanto a bondade de Deus deprimiu Jonas. Como Jonas poderia retornar a Israel e anunciar que Deus não julgaria a nação que há muito tempo era inimiga dos Israelitas? Deus teve que ensinar Elias a ver as coisas pela sua perspectiva, e Ele passou a ensinar Jonas a mesma coisa.

---

<sup>164</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 503.

<sup>165</sup> Baldwin, págs. 584-585.

<sup>166</sup> Morgan, *The Unfolding ...*, pág. 188.



- 4.4 Deus não repreendeu Jonas, nem perguntou que direito ele tinha de critica-Lo. Ao contrário, Ele sugeriu que Jonas poderia não estar enxergando a situação corretamente. Deus também confrontou Jó com ternura, fazendo-lhe perguntas (cf. vv. 9, 11; Jó 38-39). A tradução: “Você acha certo ficar tão irado assim?” captura a intenção do texto hebraico. Jonas havia condenado a Deus por não estar irado (v. 2), mas agora Deus desafiou a Jonas por estar irado. Jonas estava sentindo a frustração de não entender as ações de Deus à luz de Seu caráter, que muitos outros sentiram (por exemplo: Jó, Jeremias, Habacuque, et. al.).

Quando os servos de Deus ficam irados porque Deus é como Ele é, o SENHOR lida com eles de forma compassiva.

#### **D. A repreensão de Deus a Jonas por sua atitude 4.5-9**

O SENHOR prosseguiu em ensinar a Jonas os Seus caminhos, e a confrontá-lo com seu problema de atitude.

“A lição objetiva é chave para a interpretação do livro”.<sup>167</sup>

“... até mesmo a menor das respostas proveniente das pessoas mais perversas e ingênuas imagináveis motiva a compaixão de Deus; quanto mais as respostas informadas do povo escolhido de Deus motivarão a compaixão de Deus em favor deles?”<sup>168</sup>

- 4.5 Poderíamos esperar que Jonas deixasse o que, de maneira rápida, tanto lhe irritou, como Elias fugiu de Israel e buscou refúgio longe de lá, ao sul. Por que Jonas construiu um abrigo e sentou-se para ver o que aconteceria com Nínive? A mesma palavra hebraica para “abrigo” (*sukka*) descreve as estruturas frondosas que os israelitas fizeram a si mesmos para a Festa dos Tabernáculos (Lv 23.40-42; Ne 8.14-18; cf. Mc 9.5). Jonas achava que o juízo poderia cair de qualquer maneira, ou ele estava esperando que Deus esclarecesse Suas ações?

Quem sabe Jonas esperasse que o arrependimento dos Ninivitas evaporasse rapidamente, e que Deus então o chamasse para pronunciar o juízo que ele tanto queria ver. Ele não sabia se o arrependimento dos

---

<sup>167</sup> Walton, pág. 487.

<sup>168</sup> Ibid.

Ninivitas seria suficiente para adiar o juízo de Deus (cf. Gn 18.22-23). Jonas, obviamente, fixou residência em algum lugar nas encostas das montanhas que se erguem a leste de Nínive, para ter uma boa visão do que quer que pudesse acontecer. Talvez ele esperasse testemunhar outro juízo espetacular como aconteceu com Sodoma e Gomorra. Seu abrigo provou ser uma sala de aula para o profeta semelhante ao que o lixão da cidade havia sido para Jó.

- 4.6 Deus continuou a demonstrar compaixão por Jonas, fornecendo-lhe uma planta para fornecer sombra que aliviou o “desconforto” (heb. *ra’ah*) do sol escaldante da Mesopotâmia. Esta é a única vez que lemos que Jonas “se alegrou em extremo” (ARA) e isso porque ele estava fisicamente confortável. Sua ira cresceu a partir de um desconforto pessoal resultante da misericórdia de Deus sobre os ninivitas.

A palavra hebraica *ra’ah*, traduzida aqui como “desconforto”, é a mesma palavra traduzida como “perversidade” onde descreve a maldade dos ninivitas (1.2; cf. 3.8) e “desgosto” onde descreve o desgosto de Jonas pela decisão de Deus de poupar a cidade (v. 1). As atitudes de Jonas eram tão más aos olhos de Deus quanto as ações dos ninivitas.

“O alcance da misericórdia de Deus para com os indignos é o tema que continuou a iludir Jonas mesmo quando ele a experimentou”.<sup>169</sup>

É impossível identificar a “planta” exata que Deus providenciou, assim como não podemos identificar o “peixe” exato que engoliu Jonas, e isso é irrelevante.<sup>170</sup> Alguns comentaristas especulam que provavelmente era a mamona, que na Mesopotâmia cresce rapidamente até 3,6 metros de altura e tem folhas grandes. W. M. Thomson insistiu que era uma aboboreira:

“...os orientais nunca sonharam em utilizar uma mamona para fazer uma tenda; ou planta-la para fazer sombra, e eles teriam pouco respeito por quem o fizesse”.<sup>171</sup>

<sup>169</sup> *The Nelson ...*, pág. 1499.

<sup>170</sup> Veja Sasson, págs. 291-292.

<sup>171</sup> W. M. Thomson, *The Land and the Book*, 1:97.

Observe também a mudança no nome de Deus neste versículo. Esta é uma das raras aparições do nome composto “SENHOR Deus” nas Escrituras (cf. Gn 2; 3; et. al.). Seu uso aqui pode ajudar a fazer uma transição. Deus lidou com Jonas como Ele trata com toda a humanidade no que virá a seguir.

4.7 A ênfase na soberania de Deus continua. Deus havia providenciado (heb. *manah*, designar, prover, preparar) uma tempestade, um peixe, uma planta e agora um verme para cumprir Seu propósito. Uma palavra hebraica diferente ocorreu em 1.4 descrevendo a tempestade. Em seguida, ele forneceu o vento (v. 8). Deus está claramente dirigindo as circunstâncias de Jonas para lhe ensinar algo. Ele usou coisas grandes como o peixe e coisas pequenas como o verme. Talvez possa haver algum significado na estrutura quiástica das coisas que Deus providenciou – começando e terminando com forças naturais, em seguida os animais, com um vegetal (que fez Jonas feliz) no meio desta estrutura quiástica.

4.8 O “vento calmoso oriental” que Deus providenciou foi o temido siroco. A descrição a seguir acerca desse vento, nos ajuda a entender porque ele teve um efeito tão desanimador sobre Jonas:

“Durante o período de um siroco, a temperatura sobe abruptamente, por vezes, sobe inclusive durante a noite, e permanece alta; cerca de 16-22°C acima da média... as vezes, cada fragmento de umidade parece ter sido extraído do ar, de modo que se tem a curiosa sensação de que a pele está muito mais esticada do que o normal. Os dias de siroco são peculiarmente difíceis para as pessoas se controlarem e tendem a deixar até as pessoas mais calmas, irritadas e coléricas, propensas a atacar umas as outras aparentemente sem motivo nenhum”.<sup>172</sup>

Por que Jonas não se mudou para a cidade e morou lá? Aparentemente ele não queria nada com os ninivitas a quem tanto desprezava. Ele provavelmente ainda não sabia se Deus pouparia ou destruiria a Nínive. Antes disso, ele desejava morrer porque, como servo de Deus, ele estava

---

<sup>172</sup> Dennis Baly, *The Geography of the Bible*, págs. 67-68.

descontente com a vontade de Deus. Agora, ele ansiava pela morte porque estava descontente com as circunstâncias. A disciplina divina o levou ao ponto onde, até a perda de uma planta o afetou de maneira tão profunda que ele ansiava morrer.

“O calçado que Jonas queria que Nínive calçasse estava em seu pé agora, e apertou”.<sup>173</sup>

4.9 A pergunta de Deus aqui foi muito similar à Sua pergunta no versículo 4. Jonas estava certo – “ter uma boa razão” ou justificativa – em “estar irado” a respeito da planta, Deus perguntou? A resposta de Jonas foi um forte superlativo.<sup>174</sup> Ele sentiu que uma ira ardente fosse apropriada. Jonas obviamente cria que Deus não o estava tratando com a compaixão que Ele normalmente mostrava a todas as pessoas, muito menos a Seus servos escolhidos.

“... é fantástico como alguém pode ser lento para reconhecer quão mal está sendo, quando esta pessoa se tornou endurecida pelo engano do pecado”.<sup>175</sup>

“A pergunta dupla em 4.4 e 4.9... é, sem dúvida a chave para a mensagem central do livro. O clímax da história se dá aqui – não com o arrependimento dos ninivitas no capítulo 3 ou em qualquer outro ponto – quando Deus desafia Jonas a reconhecer o quão errado ele estava em seu nacionalismo amargo, e quão certo Deus estava em mostrar compaixão pela situação dos assírios em Nínive”.<sup>176</sup>

“Jonas acha que sabe melhor a respeito de como Deus trabalha e até mesmo desconsidera as tentativas de Deus de tira-lo de suas pressuposições equivocadas. Nosso trabalho é seguir, e não necessariamente entender as

---

<sup>173</sup> Allen, pág. 233.

<sup>174</sup> D. Winton Thomas, "Consideration of Some Unusual Ways of Expressing the Superlative in Hebrew", *Vetus Testamentum* 3 (1953):220.

<sup>175</sup> Ironside, pág. 217.

<sup>176</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 435.

direções de Deus enquanto Ele guia nossa vida e ministério”.<sup>177</sup>

“Quando as providências aflitivas nos privam de nossas relações, posses e prazeres, devemos suporta-las pacientemente, sem ficarmos irados com Deus, não devemos ficar irados com a cabaça. Comparativamente é uma pequena perda, a perda de uma sombra. O que deve especialmente silenciar nosso descontentamento é que, embora nossa cabaça tenha desaparecido, nosso Deus não se foi”.<sup>178</sup>

Nesta perícopa, Deus estava preparando o cenário para a lição que Ele, em breve, explicaria ao Seu profeta.

#### **E. A compaixão de Deus por aqueles sob Seu juízo 4.10-11**

A história agora atinge seu ponto máximo. Deus revela a Jonas quão fora de harmonia com Seu próprio coração o profeta estava mesmo sendo obediente. Deus comparou a atitude de Jonas com a Sua.

“Nestes últimos versículos, a grande lição missionária do livro é nitidamente traçada: As almas dos seres humanos não valem tanto quanto uma cabaça? Como Jonas, o povo de Deus hoje está mais preocupado com os benefícios materiais tão livremente concedidos a nós por Deus, do que sobre o destino de um mundo perdido”.<sup>179</sup>

4.10 “Compaixão” (heb. *hus*, ARA, NVT, NAA, ARC; “pena” NVI) é a atitude chave. Jonas ficou completamente indiferente ao destino dos ninivitas. Ele conhecia bem o Seu Deus (4.2). No entanto, seu apreço pelo amor de Deus para com Israel havia obviamente impregnado sua vida de tal maneira que eliminou qualquer compaixão por essas pessoas que não tinham conhecimento e relacionamento com Yahweh. Além disso, Jonas havia anunciado que as fronteiras de Israel se expandiriam sob o rei Jeroboão II (2 Rs 14.25).

---

<sup>177</sup> Walton, pág. 490.

<sup>178</sup> Henry, pág. 1147.

<sup>179</sup> *The New Scofield ...*, pág. 942.

Para revelar a falta de compaixão de Jonas por si mesmo, Deus lidou com ele como uma pessoa qualquer. Ele o expôs aos prazeres e desconfortos que todos enfrentam, e Ele o fez enxergar que sua teologia o tornara não mais compassivo do que qualquer outra pessoa, embora devesse. O conhecimento do soberano e compassivo Deus a quem Ele temia, deveria ter feito Jonas mais submisso à vontade de Deus, mais compassivo para com outras pessoas e mais respeitoso para com Deus.

4.11 Deus tinha investido muito trabalho em Nínive e foi responsável por seu crescimento. É por isso que era legítimo, no nível mais elementar, que Deus sentisse compaixão por seu povo. A compaixão de Jonas se estendeu apenas para uma planta, mas não para as pessoas.

“A aboboreira da qual tiveste piedade era apenas uma; mas os habitantes de Nínive, de quem tenho piedade, são numerosos.’... A aboboreira com a qual Jonas estava preocupado não era sua; ele não a fez crescer; mas as pessoas em Nínive, das quais Deus teve compaixão, eram todas obra de suas próprias mãos, ele as fez, e eram suas... A aboboreira da qual Jonas teve pena foi de um crescimento repentino, e por tanto, de menor valor... mas Nínive é uma cidade antiga, de muitas eras e portanto não pode ser abandonada tão facilmente... A aboboreira da qual Jonas teve pena pereceu em uma noite, murchou e aquele foi o fim dela. Mas as preciosas almas em Nínive, das quais Deus se compadeceu são imortais”.<sup>180</sup>

“Trata-se da escolha entre aboboreiras ou almas”.<sup>181</sup>

“Deus diz a Jonas, ‘Jonas, uma aboboreira não é nada’. Meu amigo, detesto lhe dizer isso, mas um gatinho não é nada, um cachorrinho não é nada, mas um ser humano tem uma alma que ou vai para o céu ou para o inferno. E Deus não pediu para você *amar* o perdido antes de você ir até ele. Ele disse: ‘*Eu amo o perdido, e quero que você vá até ele*’. Isso

---

<sup>180</sup> Henry, pág. 1147. Henry, pág. 1147.

<sup>181</sup> J. H. Kennedy, *Studies in the Book of Jonah*, pág. 97.

é o que Ele está dizendo a Jonas: ‘Jonas, eu amo os ninivitas’<sup>182</sup>.

A compaixão de Deus se estendeu não apenas às plantas, mas ainda mais às pessoas. As “120.000 pessoas” – que Deus citou como objetos especiais de Sua compaixão – eram provavelmente toda a população que não sabia como escapar de seus problemas. A expressão “que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda” (ARA) é idiomática, ou seja: sem conhecimento e inocentes nesse sentido (cf. 2 Sm 19.35; Is 7.15-16).<sup>183</sup>

“Não ser capaz de distinguir entre a mão direita e a esquerda é um sinal de infância mental”.<sup>184</sup>

Seria incomum se isso se referisse apenas a bebês.

“Sua incapacidade de discernir ‘sua mão direita da esquerda’ deve se referir à sua ignorância moral. Embora responsáveis por suas más obras e sujeitos ao juízo divino (veja 1.2), os ninivitas não tiveram a vantagem de uma revelação especial divina sobre a vontade moral de Deus. Moralmente e eticamente falando, eles eram como crianças”.<sup>185</sup>

Normalmente temos compaixão por aqueles com quem podemos nos identificar mais intimamente, mas Deus também tem compaixão das pessoas que são incapazes. Espiritualmente, são aqueles que não conhecem a Deus, aqueles que estão “perdidos”.

“Deus está dizendo a muitas pessoas hoje: ‘Eu quero que você vá e leve a Palavra de Deus àqueles que estão perdidos’. E eles dizem: ‘Mas eu não os amo’. Deus diz: ‘Eu nunca pedi para você amá-los; eu pedi para você *ir*’. Não consigo encontrar em nenhum lugar que Deus tenha pedido para Jonas ir porque ele [Jonas] amava os ninivitas. Ele

---

<sup>182</sup> McGee, *Thru the ...*, 3:766.

<sup>183</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 507.

<sup>184</sup> Keil, 1:416.

<sup>185</sup> Chisholm, *Handbook on ...*, pág. 416. Cf. Wiseman, "Jonah's Nineveh", págs. 39-40.

disse: ‘Jonas, eu quero que você vá porque Eu os amo. Eu amo os ninivitas. Eu quero salvar os ninivitas. E eu quero que você leve a mensagem a eles’.<sup>186</sup>

As pessoas naturalmente vão para um de dois extremos em sua atitude em relação aos animais. Ou os desprezamos e os tratamos de maneira desumana, sentindo-nos superiores, ou os elevamos ao nível de pessoas e lhes concedemos direitos que não possuem. Organizações protetoras de animais tentam nos proteger da primeira atitude. Outras organizações, tal como “movimento dos direitos dos animais”, tende a promover a segunda atitude. Deus tem compaixão dos animais como criaturas que vivem debaixo do nível dos seres humanos, que precisam de Sua graça. Esta deve ser a nossa atitude para com eles também (cf. Gn 1.26, 28; Sl 8.6-8).

A referência aos “animais” conclui o livro e é o clímax final da lição de Deus ao profeta, e por meio dele ao povo de Deus em Israel e na igreja. Se Deus tem compaixão por animais, e Ele tem, quanto mais devemos ter compaixão pelos seres humanos feitos à imagem de Deus, que estão sob Seu juízo por causa de seus pecados (cf. 3.8)! Nunca devemos permitir que nossa preocupação com o bem-estar do povo de Deus nos impeça de levar a mensagem de esperança àqueles que se opõe a nós.

“É bem possível que os animais sejam mencionados porque os animais são *ipso facto* inocentes e também carecem de proeza intelectual. Assim, Jonas e o público entenderiam que os ninivitas, igualmente, são inocentes e estúpidos. Mas uma razão mais provável para a menção dos animais é que eles constituem o ponto médio na escala de valor em que se baseia o argumento de Yahweh. Ou seja, o povo de Nínive é de enorme valor. Eles são seres humanos (*dm*), e são cidadãos da cidade mais importante da sua época. Os animais (*bhnh*) por sua vez, são de menor valor, mas ainda significativos na economia de qualquer nação ou cidade... A aboboreira, por outro lado, é de menor valor. ... Jonas argumentou furiosamente pelo valor de uma planta de um dia de idade (v. 9b). Então, ele não pode ter um bom

---

<sup>186</sup> McGee, *Thru the ...*, 3:766.



argumento contra o valor de Nínive, com todo o povo e animais”.<sup>187</sup>

“A pergunta de Deus capta a própria intenção do livro. A questão é a graça – graça e misericórdia. Assim como a provisão de Jonas era a sombra da videira que ele não merecia, a provisão dos ninivitas foi uma libertação que eles não mereciam como base em um arrependimento que eles não entenderam completamente”.<sup>188</sup>

O livro termina sem nos dar a resposta de Jonas, mas este não é o ponto principal do livro. Seu ponto é a resposta à pergunta do Senhor no versículo 11 que todo leitor deve dar. Sim, Deus deveria ter tido compaixão dos desesperados ninivitas, e devemos ter compaixão de pessoas como eles também (cf. Lc 15.25-32; Mt 20.1-16). Apenas dois livros na Bíblia terminam com perguntas, e ambos têm a ver com Nínive. Jonas termina com uma pergunta sobre a piedade de Deus por Nínive, e Naum termina com uma pergunta sobre a punição de Deus a Nínive.<sup>189</sup>

“Todo ouvinte/leitor pode ter um pouco de Jonas em si. Toda pessoa precisa refletir sobre as perguntas que Deus faz, incluindo a final, específica: ‘Não devo poupar Nínive?’ (4.11). Qualquer um que responda: ‘Por que essa é uma pergunta tão importante?’, não entendeu a mensagem. Qualquer um que responder: ‘Não!’, não creu”.<sup>190</sup>

“Não são apenas os incrédulos das ‘Nínives’ de hoje que precisam se arrepender; nós também, que somos Jonas modernos. Porque ninguém começa a entender esse profundo e penetrante livrinho a menos que descubra o Jonas em si mesmo e então, arrependido, se apegue à infinita graça de Deus”.<sup>191</sup>

---

<sup>187</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 508.

<sup>188</sup> Page, pág. 286.

<sup>189</sup> Wiersbe, pág. 386.

<sup>190</sup> Stuart, *Hosea-Jonah*, págs. 435.

<sup>191</sup> Gaebelein, págs. 126-127.

“... a ternura no coração de Deus é manifesta não apenas em Sua compaixão por pecadores arrependidos, mas também em Sua paciência com os santos arrependidos”.<sup>192</sup>

“Com frequência, o efeito deste livro do AT é estabelecer um fundamento sobre o qual o NT pode ser edificado. ‘Deus amou o mundo’ é sua afirmação básica, que o NT deve concluir com a mensagem do dom de Seu Filho”.<sup>193</sup>

“Ao longo da história, a figura de Jonas é um contraste para com o herói divino, um Watson para Holmes de Yahweh, um Geazi para o Eliseu de Yahweh. A grandeza e a bondade de Deus são realçadas no contexto da mesquinhez e malevolência de Jonas. Olhe para o mundo, implora o autor, para o mundo de Deus. Veja através dos olhos de Deus. E deixe que a sua nova visão supere sua amargura natural, sua dureza de alma. Deixe que a divina compaixão inunde nosso próprio coração”.<sup>194</sup>

Este livro constitui um chamado para o ministério missionário transcultural? Ele registra o chamado de Deus a um de Seus profetas para esse tipo de ministério. Contudo, precisamos lembrar que este era um raro ministério no período do AT. Normalmente, Israel deveria ser uma luz para as nações, fornecendo um modelo de teocracia na Terra Prometida que atrairia os gentios para ela. Eles viriam a Israel para o conhecimento de Deus que levariam de volta pra casa com eles (P. ex.: Ex 19.5-6; 1 Rs 10; Is 42.6; At 8.26-40).

Na grande comissão (Mt 28.19-20), Jesus mudou o método missionário básico pelo qual as pessoas agora devem aprender de Deus. Agora, o povo de Deus deve ir por todo o mundo e anunciar o Evangelho a todos, em vez de esperar que eles venham a nós para isso. O livro de Jonas mostra um profeta do Antigo Testamento fazendo com relutância o que os cristãos agora devem fazer com entusiasmo.

“Ambos Paulo e Jonas foram missionários entre os gentios, ambos foram jogados ao mar, ambos foram testemunhas aos marinheiros a bordo de um

---

<sup>192</sup> Citação anônima em Baxter, 4:178.

<sup>193</sup> Allen, pág. 194.

<sup>194</sup> Ibid.

navio, e ambos foram usados para livrar tais marinheiros da morte. Há outras comparações impressionantes, que um estudo cuidadoso revelaria [incluindo uma viagem e um ministério na principal cidade da época]”.<sup>195</sup>

Não era plano de Deus que todos os profetas do Antigo Testamento, muito menos todos os israelitas, fizessem o que Jonas fez. No entanto, eles deveriam ter um coração compassivo por aqueles que estão fora da comunidade da aliança, mostrando-lhes misericórdia, como este livro esclarece (cf. Boaz no livro de Rute). Portanto, os missionários cristãos podem usar o livro de Jonas, mas devem fazê-lo enfatizando sua verdadeira mensagem, não fazendo do chamado de Jonas o ponto principal.

“Este é o maior livro missionário do Antigo Testamento, se não de toda a Bíblia. Ele foi escrito para revelar o coração de um servo de Deus cujo coração não foi tocado pela paixão de Deus por missões. Será que a ficha caiu...? Estamos mais interessados em nosso próprio conforto do que na necessidade de multidões de almas perdidas... morrendo nas trevas sem o conhecimento de seu Messias e Salvador, o Senhor Jesus Cristo? Estamos mais satisfeitos em permanecer com as ‘aboboreiras’, os confortos do lar e em casa, do que ver a mensagem de Cristo ir até os confins da terra para judeus e gentios”.<sup>196</sup>

---

<sup>195</sup> McGee, *Thru the ...*, 3:740.

<sup>196</sup> Feinberg, pág.48.

## Bibliografia

- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- A Bíblia Sagrada: Nova Almeida Atualizada. Editora Vida, 2016.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. Editora Vida, 2001.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Transformadora. Editora Mundo Cristão, 2017.
- Ackerman, James S. "Satire and Symbolism in the Song of Jonah". Em *Traditions and Transformation*, págs. 213-246. Editado por B. Halpern e J. D. Levenson. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1981.
- Alexander, T. D. "Jonah". em *Obadiah, Jonah, Micah*, págs. 45-131. The Tyndale Old Testament Commentaries series. Leicester, Eng., and Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1988.
- \_\_\_\_\_. "Jonah and Genre". Tyndale Bulletin 36 (1985):35-59.
- Allen, Leslie C. *The Books of Joel, Obadiah, Jonah and Micah*. New International Commentary on the Old Testament series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976.
- Archer, Gleason L., Jr. *Encyclopedia of Bible Difficulties*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A Survey of Old Testament Introduction*. Chicago: Moody Press, 1964. Revised ed. 1974.
- Backus, William. *The Paranoid Prophet*. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1986.
- Baldwin, Joyce. "Jonah". Em *The Minor Prophets: An Exegetical and Expository Commentary*, 2:543-590. 3 vols. Editado por Thomas Edward McComiskey. Grand Rapids: Baker Books, 1992, 1993, and 1998.
- Baly, Dennis. *The Geography of the Bible*. London: Lutherworth, 1957.
- Baxter, J. Sidlow. *Explore the Book*. 1960. One vol. ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1980.
- Block, Daniel I. "The Privilege of Calling: The Mosaic Paradigm for Missions (Deut. 26:16-19)". *Bibliotheca Sacra* 162:648 (Outubro-Dezembro 2005):387-405.

- Blue, J. Ronald. *Evangelism and Missions*. Swindoll Leadership Library series. Nashville: Word Publishing, 2001.
- Bramer, Stephen J. "Suffering in the Writing Prophets (Isaiah to Malachi)". Em *Why, O God? Suffering and Disability in the Bible and the Church*, págs. 147-159. Editado por Larry J. Waters e Roy B. Zuck. Wheaton: Crossway, 2011.
- Chisholm, Robert B., Jr. "Does God 'Change His Mind'?" *Bibliotheca Sacra* 152:608 (Outubro-Dezembro 1995):387-399.
- \_\_\_\_\_. *Handbook on the Prophets*. Grand Rapids: Baker Book House, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Interpreting the Minor Prophets*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1990.
- \_\_\_\_\_. "A Theology of the Minor Prophets". Em *A Biblical Theology of the Old Testament*, págs. 397-433. Editado por Roy B. Zuck. Chicago: Moody Press, 1991.
- Constable, Thomas L. "What Prayer Will and Will Not Change". Em *Essays in Honor of J. Dwight Pentecost*, págs. 99-113. Editado por Stanley D. Toussaint e Charles H. Dyer. Chicago: Moody Press, 1986.
- Darby, John Nelson. *Synopsis of the Books of the Bible*. Revised ed. 5 vols. New York: Loizeaux Brothers Publishers, 1942.
- de Vaux, Roland. *Ancient Israel: Its Life and Institutions*. New York: McGrawHill, 1961.
- Dyer, Charles H., e Eugene H. Merrill. *The Old Testament Explorer*. Nashville: Word Publishing, 2001. Reimpresso como *Nelson's Old Testament Survey*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999.
- Eichrodt, Walther. *Theology of the Old Testament*. 5th ed. revised. 2 vols. Traduzido por John A. Baker. The Old Testament Library series. Philadelphia: Westminster Press, 1961 and 1967.
- Ellison, H. L. "Jonah". Em *Daniel-Minor Prophets*. Vol. 7 of The Expositor's Bible Commentary. 12 vols. Editado por Frank E. Gaebelin e Richard P. Polcyn. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1985.
- \_\_\_\_\_. *The Prophets of Israel: From Ahijah to Hosea*. Exeter, Eng.: Paternoster Press, 1969. American ed., Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974.
- Feinberg, Charles Lee. *Jonah, Micah, and Nahum*. The Major Messages of the Minor Prophets series. New York: American Board of Missions to the Jews, 1951.

- Finegan, Jack. *Light From the Ancient Past: The Archeological Background of Judaism and Christianity*. 2nd ed. Princeton: Princeton University Press; and London: Oxford University Press, 1959.
- Gaebelein, Arno C. *The Annotated Bible*. 4 vols. Reprint ed. Chicago: Moody Press, and New York: Loizeaux Brothers, 1970.
- Gaebelein, Frank E. *Four Minor Prophets: Obadiah, Jonah, Habakkuk, and Haggai*. Chicago: Moody Press, 1970.
- Good, Edwin M. *Irony in the Old Testament*. Second ed. Bible and Literature series 3. Sheffield, Eng.: Almond, 1981.
- Hanna, Kenneth G. *From Moses to Malachi: Exploring the Old Testament*. 2nd ed. Editado por Roy B. Zuck. Bloomington, Ind.: CrossBooks, 2014.
- Hannah, John D. "Jonah". Em *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, págs. 1461-1473. Editado por John F. Walvoord e Roy B. Zuck. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1985.
- Harrison, R. K. *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1969.
- Henry, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*. One volume ed. Editado por Leslie F. Church. Grand Rapids: Zondervan Publishing Co., 1961.
- Howe, George F. "Jonah and the Great Fish". *Biblical Research Monthly*, Janeiro 1973, págs. 6-8.
- International Standard Bible Encyclopaedia*, Editado por James Orr. 1939 ed. 5 vols. S.v. "Nineveh," by T. G. Pinches, 4:2147-2151.
- Ironside, Harry A. *Notes on the Minor Prophets*. New York: Loizeaux Brothers, 1947.
- Jacob, Edmond. *Theology of the Old Testament*. Traduzido por Arthur W. Heathcote e Philip J. Allcock. New York and Evanston, Ill.: Harper & Row, 1958.
- Jamieson, Robert; A. R. Fausset; e David Brown. *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*. Reprint ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961.
- The Jerusalem Bible*. New York: Doubleday and Co., 1966.
- Josefo, Falvio. *As Obras de Flavo Josefo*. Traduzido por William Whiston. London: T. Nelson and Sons, 1866; reprint ed. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1988.

Kaiser, Walter C., Jr. *Toward an Old Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1978.

Keil, Carl Friedrich. *The Twelve Minor Prophets*. 2 vols. Traduzido por James Martin. Biblical Commentary on the Old Testament. Reprint ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949.

Kendall, R. T. *Jonah: An Exposition*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1978.

Kennedy, J. H. *Studies in the Book of Jonah*. Nashville: Broadman, 1956.

Landes, George M. "The 'Three Days and Three Nights' Motif in Jonah 2:1". *Journal of Biblical Literature* 86 (1967): 246-250.

Lawson, Steven J. "The Power of Biblical Preaching: An Expository Study of Jonah 3:1-10". *Bibliotheca Sacra* 158:631 (Julho-Setembro 2001):331-346.

Livingston, G. Herbert. "Jonah". Em *The Wycliffe Bible Commentary*, págs. 843-850. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

Longman, Tremper, III and Raymond B. Dillard. *An Introduction to the Old Testament*. 2nd ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006.

Lough, Don. "Jonah". Em *Surveying the Old Testament Prophetic Books*, págs. 313-325. Learn the Word Bible Survey series. Editado por Paul D. Weaver. N.c.: Learn the Word Publishing, 2021.

McGee, J. Vernon. *Jonah: Dead or Alive?* St. Louis: Miracle Press, 1969.

\_\_\_\_\_. *Thru the Bible with J. Vernon McGee*. 5 vols. Pasadena, Calif.: Thru The Bible Radio; and Nashville: Thomas Nelson, Inc., 1983.

Morgan, G. Campbell. *An Exposition of the Whole Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1959.

\_\_\_\_\_. *Living Messages of the Books of the Bible*. 2 vols. New York: Fleming H. Revell Co., 1912.

\_\_\_\_\_. *The Minor Prophets*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell, 1960.

\_\_\_\_\_. *The Unfolding Message of the Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1961.

*The Nelson Study Bible*. Editado por Earl D. Radmacher. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997.

*The NET2 (New English Translation) Bible*. N.c.: Biblical Press Foundation, 2019.

*The New Bible Dictionary*. Editado por J. D. Douglas. 1962 ed. S.v. "Nineveh," por D. J. Wiseman, págs. 888-890.

\_\_\_\_\_. S.v. "Tarshish," por J. A. Thompson, págs. 1239-1240.

*The New English Bible with the Apocrypha*. N.c.: Oxford University Press and Cambridge University Press. 1970.

*The New Scofield Reference Bible*. Editado por Frank E. Gaebelein, William Culbertson, et al. New York: Oxford University Press, 1967.

Olmstead, A. T. *History of Assyria*. Chicago: University of Chicago Press, 1923.

Parle, Joseph. *Did God Change His Mind? Polysemantic Wordplay and Conditionality in the Book of Jonah*. N.C.: Exegetica Publishing, 2022.

Payne, J. Barton. *The Theology of the Older Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1962.

Pentecost, J. Dwight. *Thy Kingdom Come*. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1990.

Pusey, E. B. *The Minor Prophets*. Barnes on the Old Testament series. 2 vols. Reprint ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1973.

Robinson, George L. *The Twelve Minor Prophets*. N.c.: Harper & Brothers, 1926; reprint ed., Grand Rapids: Baker Book House, 1974.

Sasson, Jack M. *Jonah*. The Anchor Bible series. New York, et al.: Doubleday, 1990.

Smith, Billy K., e Frank S. Page. *Amos, Obadiah, Jonah*. The New American Commentary series. N. c.: Broadman & Holman Publishers, 1995.

Smith, George Adam. *The Book of the Twelve Prophets Commonly Called the Minor*. 2 vols. Vol. 1: 10th ed. Vol. 2: 7th ed. The Expositor's Bible. Editado por W. Robertson Nicoll. London: Hodder and Stoughton, 1903.

Strickland, Wayne G. "Isaiah, Jonah, and Religious Pluralism". *Bibliotheca Sacra* 153:609 (Janeiro-Março 1996):24-33.

Stuart, Douglas K. "'The Great City of Nineveh' (Jon. 1:2)". *Bibliotheca Sacra* 171:684 (Outubro-Dezembro 2014):387-400.

\_\_\_\_\_. *Hosea-Jonah*. Word Biblical Commentary series. Waco: Word Books, 1987.

Swindoll, Charles R. *The Swindoll Study Bible*. Carol Stream, Ill.: Tyndale House Publishers, 2017.



- Thomas, D. Winton. "Consideration of Some Unusual Ways of Expressing the Superlative in Hebrew". *Vetus Testamentum* 3 (1953):209-224.
- Thomson, W. M. *The Land and the Book*. 2 vols. New York: Harper & Brothers Publishers, 1873.
- von Rad, Gerhard. *Old Testament Theology*. 2 vols. Traduzido por D. M. G. Stalker. New York and Evanston, Ill.: Harper & Row, 1962 and 1965.
- Waltke, Bruce K. *An Old Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2007.
- Walton, John H. "Jonah". Em *Daniel-Malachi*. Vol. 8 of The Expositor's Bible Commentary. Revised ed. 13 vols. Editado por Tremper Longman III e David E. Garland. Grand Rapids: Zondervan, 2008.
- Wendland, Ernst R. "Text Analysis and the Genre of Jonah (Part 1)". *Journal of the Evangelical Theological Society* 39:2 (Junho 1996):191-206.
- \_\_\_\_\_. "Text Analysis and the Genre of Jonah (Part 2)". *Journal of the Evangelical Theological Society* 39:3 (September 1996):373-395.
- Wiersbe, Warren W. "Jonah". Em *The Bible Exposition Commentary/Prophets*, págs. 377-388. Colorado Springs, Colo.: Cook Communications Ministries; and Eastbourne, England: Kingsway Communications Ltd., 2002.
- Wilson, A. J. "Sign of the Prophet Jonah and Its Modern Confirmations". *Princeton Theological Review* 25 (Outubro 1927):630-642.
- Wiseman, Donald J. "Jonah's Nineveh". *Tyndale Bulletin* 30 (1979):29-51.
- Wolff, Hans W. *Obadiah and Jonah: A Commentary*. Traduzido por Margaret Kohl. Minneapolis: Augsburg; London: SPCK, 1986.
- Wood, Leon J. *A Survey of Israel's History*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1970.
- Wycliffe Bible Encyclopedia*. Editado por Charles F. Pfeiffer, Howard F. Vos, and John Rea. 1975 ed. 2 vols. S.v. "Nineveh," by Elmer B. Smick, 2:1208-1210.
- Yarbrough, Mark M. *Jonah: Beyond the Tale of a Whale*. Nashville: B&H Academic, 2020.
- Yates, Gary. "The 'Weeping Prophet' and 'Pouting Prophet' in Dialogue: Intertextual Connections between Jeremiah and Jonah". *Journal of the Evangelical Theological Society* 59:2 (2016):223-239.